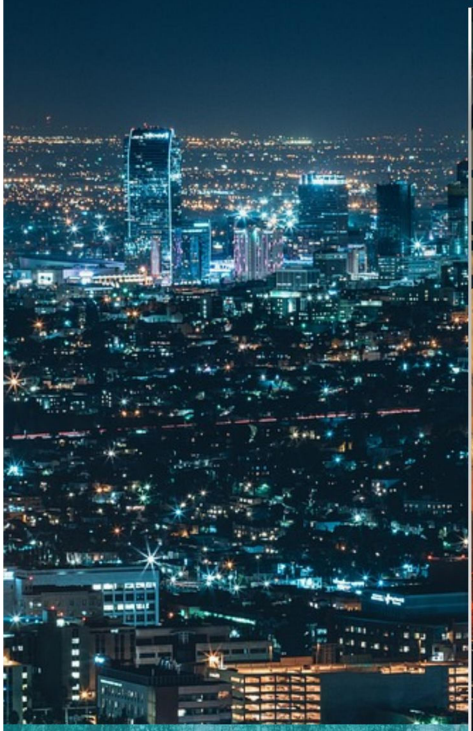
revista cristã
última chamada

A Maioria Esmagadora da Humanidade Será Salva?

Análise da Tensão da Porta e Caminho Estreitos e a Obra Infinita do Segundo Adão

César Francisco Raymundo

O Fim dos Tempos como você nunca ouviu falar!



- Arrebatamento
- Fim do mundo
- Guerras
- Grande Tribulação
- Milênio
- Preterismo
- Pós-milenismo

www.revistacrista.org

A Maioria Esmagadora da Humanidade Será Salva?

Análise da Tensão da Porta e Caminho Estreitos e a Obra Infinita do Segundo Adão

César Francisco Raymundo

revista cristã
última chamada

Patrocine esta obra!

Colabore com este trabalho que visa reformar o verdadeiro ensinamento sobre a Escatologia (ou fim dos tempos), o qual foi tão suprimido nos últimos séculos. Acima de tudo pedimos que nos ajude com as suas orações, para que possamos continuar a ter vigor para continuar e resistir os desafios de cada dia.

Se você pretende patrocinar esta revista, saiba, nós não prometemos as bênçãos de Deus para você, mas garantimos que você estará abençoando outros que precisam ter nossas literaturas gratuitamente.

Doe via depósito bancário

Banco: Caixa Econômica Federal
Em favor de: César Francisco Raymundo

Agência: 3298
Operação: 013
Conta: 00028081-1

Usufrua gratuitamente do site

Temos perto de mil arquivos de artigos, vídeos e mensagens sobre escatologia em geral. Todos eles divididos em ordem alfabética.

www.revistacrista.org

Contato:

ultimachamada@bol.com.br

contato@revistacrista.org

A Maioria Esmagadora da Humanidade Será Salva?
Análise da Tensão da Porta e Caminho Estreitos e a Obra Infinita do Segundo Adão.

1ª Edição Janeiro de 2025
2ª Edição ampliada Fevereiro de 2025.
3ª Edição ampliada Junho de 2025

Autor: César Francisco Raymundo

Capa: César Francisco Raymundo
(Imagem de Pixabay.com)

_____

Revista Cristã Última Chamada publicada com a devida autorização e com todos os direitos reservados no Escritório de Direitos Autorais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro sob nº 236.908.

Editor
César Francisco Raymundo

E-mail: ultimachamada@bol.com.br
Site: www.revistacrista.org

Porto Belo – Santa Catarina

Índice

Sobre o autor 08

Introdução
A Maioria da Humanidade se Perderá? 09

Capítulo 1
Textos que Aparentam Dizer que uma Minoria será Salva 11

Adão e sua Obra para a Perdição da Humanidade 11
Adão e Eva foram Salvos! 14
A Porta Estreita e o Caminho Espaçoso 15
Muitos Chamados, Poucos Escolhidos 18
O Remanescente de Israel 20

Capítulo 2
Juízos Temporais 23

O Dilúvio 24
Sodoma e Gomorra e Outros Povos 27
Os Dois Ladrões na Cruz ao Lado de Jesus e os Juízos Temporais 31

Capítulo 3
A Obra de Salvação de Deus nos Povos Pagãos 33

O Fator Melquisedeque 34
Faraó e o Nome de Deus em Toda a Terra 39
A Liberdade de Deus para Salvar 41

Capítulo 4
A Obra Infinita do Segundo Adão 43

A conversão de todas as nações no Salmo 22 cumpridas por Cristo 44
A reconciliação de todas as coisas no Céu e na Terra 48
A minoria dos perdidos e a realidade do Juízo Final 52
A Vitória Esmagadora de Cristo em Salvar 54

Capítulo 5
A maioria da humanidade deve ser salva porque... 59

A maioria da humanidade deve ser salva por causa da salvação de bebês que morrem na infância 59
A maioria da humanidade deve ser salva porque é da natureza de Deus salvar em vez de condenar 61
A maioria da humanidade deve ser salva porque a salvação é pela FÉ, não pelo CONHECIMENTO ou OBRAS 62
A maioria da humanidade deve ser salva por causa das conversões no leito de morte 65
A maioria da humanidade deve ser salva porque Jesus é o Vencedor, não o Perdedor 66
A maioria da humanidade deve ser salva por causa da parábola do trigo e do joio 68
A maioria da humanidade deve ser salva porque a porcentagem de cristãos e o número de nações cristãs está sempre aumentando 69

Capítulo 6
A limitação da Salvação pela religião 72
A eleição Calvinista e sua limitação 72
O livre-arbítrio Arminiano e sua limitação 74
Limitação da Salvação em grupos marginais ao Cristianismo 78
A tendência de achar que o mal sempre está prevalecendo 79
Haverá uma Grande Apostasia Final? 80

Capítulo 7
Salvação para Todos! 86

Conclusão
A Maioria Esmagadora da Humanidade Será Salva! 89

Obras importantes para pesquisa... 93

Sobre o autor

César Francisco Raymundo nasceu em 02/05/1976, em Londrina, Paraná. De origem católica, encontrou-se com Cristo aos 13 anos e, na década de 1990, tornou-se membro da Igreja Presbiteriana do Brasil. Com mais de trinta anos de estudo autodidata em teologia e filosofia, César se aprofundou em diversas vertentes teológicas, incluindo Historicismo, Preterismo Parcial, Pós-milenismo, Preterismo Completo, Idealismo, Dispensacionalismo e Pré-milenismo, sempre analisando as fontes originais de cada uma delas.

Ele propôs a **teoria da Escatologia Concreta**, visando a busca de um consenso na profecia bíblica com todas as correntes escatológicas unidas. Também propôs o **Conceito de História Interrompida** que pode ser encontrado em seu e-book intitulado **História Interrompida: O Freio do Mal e a Melhora do Mundo**.

César é amplamente reconhecido como mestre em seu campo, sendo um pensador crítico e profundo, comprometido em formar novas gerações de estudiosos e pensadores da fé cristã. Ele escreveu o primeiro **Comentário Preterista sobre o Apocalipse**, além de ser autor do primeiro **Dicionário de Escatologia do Preterismo** e da primeira **Bíblia de Estudo Preterista Parcial** do Brasil.

Atualmente tem se dedicado à produção de material teológico, como livros, folhetos e revistas, com o objetivo de divulgar a Boa Nova da Salvação em Cristo e apresentar uma visão alternativa e equilibrada sobre a escatologia, desafiando a visão tradicionalmente pessimista das igrejas.

Introdução
A Maioria da Humanidade se Perderá?

Assim como muitos dos meus contemporâneos, sempre acreditei que a maioria das pessoas se perderia eternamente. Parece haver no inconsciente coletivo essa visão, aparentemente corroborada por alguns trechos das Escrituras Sagradas. Pessoas de diferentes denominações religiosas, assim como até mesmo ateus, costumam afirmar que a maioria da humanidade está condenada à perdição. No entanto, depois que passei a compreender o Pós-milenismo[1] e a grandiosidade da salvação em Cristo, percebi que não poderia mais pensar dessa maneira. O que Cristo fez é infinitamente poderoso e constitui o maior mistério do Universo. A forma como muitas vezes reduzimos essa Obra Divina chega a ser horrível, pois estamos tentando limitar o vasto oceano do amor de Deus a uma simples poça d'água. Alguns afirmam que pelo fato de Adão cair e nos levar com ele em seu pecado fez com que não tivéssemos escolha nessa questão. Para eles, se Jesus salva apenas aqueles que cumprem certas condições, como arrependimento e fé, então isso implicaria que o primeiro Adão seria maior do que o último Adão. Então concluem que é lógico que Jesus deve salvar todos sem exceção. Essa é a ideia

[1] O **Pós-milenismo** é a crença de que Cristo retornará após um período de paz e justiça estabelecido pelo Evangelho, quando a maioria das pessoas será convertida e o mundo experimentará um tempo de prosperidade espiritual.

por trás do Universalismo da Salvação, [2] com a qual discordo veementemente. O universalismo é uma tolice teológica. Nessa ideia todos os seres humanos são "forçados" à salvação.

Por outro lado, é verdade que todos pertencem a Deus, e nenhum de nós tem autoridade para determinar o destino dos seres humanos e muito menos diminuir a Salvação do Senhor Jesus Cristo. O que nos basta é saber que Deus é infinitamente melhor do que qualquer um de nós e sabe o que irá fazer com cada um.

A Salvação de Cristo é infinita, pois Ele é o "Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo" (Apocalipse 13:8). Quando afirmamos que o Cordeiro de Deus foi imolado antes de qualquer criação, estamos dizendo que Deus se entregou por tudo o que seria criado. Pois, sem a liberdade de escolha que vem do Cordeiro, nada do que seria criado existiria com todas as suas possibilidades de existência. Assim, a criação não seria livre, nem aberta a todas as alternativas que a liberdade oferece, seja por acaso, ou pela liberdade exercida com consciência, discernindo o certo do errado.

Portanto, creio que a Queda em Adão não pode ser mais esmagadora que a Salvação no Segundo Adão: Jesus Cristo. Sendo Ele o Deus Encarnado, o Criador infinito, Sua Obra de Salvação não pode ser tão limitada como a religião nos faz pensar. E é isto que vou tentar provar neste e-book.

[2] Escrevi um e-book intitulado "Universalismo da Salvação - *Refutações e reflexões sobre os pontos positivos e negativos dessa doutrina*" que pode ser encontrado no site: https://www.revistacrista.org/literatura_Universalismo_da_Salvacao.html Acessado dia 18/12/2024

Capítulo 1
Textos que Aparentam Dizer que uma Minoria será Salva

Neste capítulo, abordarei alguns dos textos bíblicos que, à primeira vista, sugerem que a salvação é um privilégio destinado a uma minoria, enquanto a maioria está condenada à perdição. Passagens como a do "caminho estreito" e outras referências à separação entre os justos e os ímpios, têm gerado debates sobre a natureza da salvação. Analisarei essas Escrituras à luz de diferentes interpretações, questionando o que elas realmente significam sobre a condição humana, a graça divina e o destino eterno.

Adão e sua Obra para a Perdição da humanidade

O mundo em que vivemos atualmente não é o mundo perfeito que Deus fez (Gênesis 1:31). A desobediência de Adão a Deus causou diversas transformações que impactam não apenas cada um de nós, mas também toda a criação.

Antes da Queda, o mundo criado por Deus era muito bom, onde Adão e Eva viviam nus e sem vergonha (Gênesis 2:25). A presença de Deus no jardim, onde Ele "andava" com Adão, mostrava a harmonia entre Ele e a humanidade (Gênesis 3:8; Levítico 26:11-12). No

entanto, foi nesse mesmo jardim que a serpente (Satanás) tentou Eva a desobedecer, levando-a a comer o fruto proibido da árvore do conhecimento do bem e do mal (Gênesis 3:1-5). Após essa desobediência, os olhos de Adão e Eva se abriram (Gênesis 3:7), e perceberam sua nudez, compreendendo que o estado que tinham antes agora era apenas uma lembrança. Por causa desse erro, a humanidade se tornou culpada pelo pecado, com todos os seres humanos sendo afetados por essa falha de Adão (1ª Coríntios 15:22).

Adão e Eva foram criados sem pecado, em um estado de pureza, e desfrutava de uma comunhão íntima com o Senhor Deus. No entanto, após cair em desgraça, essa conexão foi quebrada. Quando Adão e Eva ouviram a voz de Deus, sentiram medo porque estavam nus (Gênesis 3:10). Essa vergonha e medo, que antes não existiam, surgiu como consequência da desobediência deles (Gênesis 3:7). Eles se esconderam de Deus, algo impensável antes da Queda no pecado, quando não temiam Sua presença (Gênesis 3:8). Como herdeiros de Adão, todos nós nascemos separados de Deus e, por natureza, somos filhos da ira (Efésios 2:1-3). Por isso, temos medo de Deus.

A punição de Gênesis 3:17-18 revela como o pecado afetou a criação – especialmente o Planeta Terra -, trazendo espinhos e dificuldades à natureza, alterando seu funcionamento (Romanos 8:19-22). Adão e Eva foram colocados no jardim para cuidá-lo, mas, ao pecar, a terra, assim como ele, foi afetada pela desobediência (Gênesis 2:15, 3:23, 5:29). As palavras "adão" (homem) e "adamah" (terra) são intimamente ligadas, refletindo as consequências do pecado de Adão para a terra que ele deveria cuidar (Gênesis 2:7; 3:17).

O Senhor Deus havia avisado a Adão que a desobediência resultaria em morte (Gênesis 3:19; cf. 2:17). Adão foi informado de que retornaria ao pó de onde foi formado, um conceito que é repetido ao longo das Escrituras (Jó 10:9; Salmo 90:3, 104:29; Eclesiastes 3:20, 12:7). A desobediência de Adão trouxe a morte não só para ele, mas também para todos os seus descendentes e os animais (Romanos

5:12). A morte humana começou com Caim, que matou Abel, sendo este o primeiro homicídio. A morte continuou a afetar toda a humanidade, como se vê nas genealogias, com a repetição de "ele morreu" (Gênesis 5:5, 8, 11, 14, 17, 20, 27, 31).

Mas antes que algum ser humano morresse fisicamente, a primeira morte registrada na Bíblia ocorre em Gênesis 3:21, quando Deus fez vestes de pele para Adão e Eva após o pecado. Ao desobedecerem, seus olhos se abriram, e perceberam sua nudez, tentando se cobrir com folhas de figueira. Mas isso não foi suficiente, e foi Deus quem os vestiu, simbolizando que, em um mundo caído, a nudez agora traz vergonha. A vestimenta dada por Deus também nos lembra que a salvação não é alcançada por nossas próprias ações, mas pela graça de Deus, que nos cobre com Sua justiça (Zacarias 3:5; Filipenses 3:9; 2 Coríntios 5:21).

A Queda e suas consequências, juntamente com a redenção oferecida por meio de Cristo, são centrais na mensagem do Evangelho (Colossenses 1:20; Romanos 8:21). A desobediência de Adão trouxe morte e sofrimento ao mundo, mas é através do sofrimento, morte e ressurreição de Jesus que podemos ser salvos, libertando-nos da condenação de um mundo corrompido. As Escrituras também nos dão esperança de que, no fim dos tempos, a maldição que acompanhou o pecado será removida definitivamente, e na plenitude da restauração não haverá mais morte, dor, tristeza ou lágrimas (Apocalipse 21:4; 22:3).

O pecado de Adão e Eva causou consequências profundas e abrangentes em vários aspectos da vida humana. Na relação com Deus, trouxe a separação, quebrando a comunhão perfeita com o Criador. Na natureza humana, introduziu o pecado e a morte, tornando todos os seres humanos pecadores e sujeitos à morte física. No ambiente, a terra foi amaldiçoada, tornando-se mais difícil para a humanidade trabalhar e viver nela. No relacionamento interpessoal, o pecado gerou desarmonia, vergonha e conflito, como visto na relação

entre Adão e Eva após a Queda. Esses efeitos atingem todos os setores da vida humana até hoje, e só a redenção por Cristo pode restaurar essa realidade.

Por causa da gravidade da consequência do pecado de Adão e Eva, que corrompeu a natureza humana, muitos acreditam que a maioria das pessoas se perderá. No entanto, isso não é verdade, pois a Obra redentora de Cristo, o "segundo Adão", trouxe a oportunidade de salvação para todos. Através de Sua morte e ressurreição, Ele restaurou o que foi perdido, oferecendo perdão e a chance de reconciliação com Deus a todos que crerem Nele, garantindo que, por Sua graça, muitos serão salvos e creio que será a maioria da humanidade.

Adão e Eva foram Salvos!

Adão e Eva foram salvos pela graça de Deus em Cristo. O Senhor Deus falou à serpente, que representa Satanás (Apocalipse 12:9), dizendo: "Porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua semente e a sua semente; esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar" (Gênesis 3:15). A "mulher" é Eva (cf. Gênesis 3:1-2, 4, 6, 12-13, 16). Através da Queda, Adão e Eva se uniram a Satanás e o seguiram em seu ódio contra Deus. Ao estabelecer a inimizade entre Satanás e a "mulher" (Eva), Deus estava restaurando a Aliança de amizade que tinha com ela antes da Queda. As "túnicas de pele" (Gênesis 3:21), que Deus fez e vestiu neles, simbolizam as vestes da salvação, como a Igreja tem ensinado ao longo da história. Não é surpreendente que Eva tenha reconhecido que os filhos que teve vieram das mãos do Todo-Poderoso (Gênesis 4:1, 25). A visita de Deus para encontrar Eva (Gênesis 3:8) aponta para a Sua vinda graciosa em busca de salvar o que estava perdido (cf. Lucas 19:10). Dessa forma, Eva foi salva.

Além disso, não só Eva, mas Adão também foi salvo. Embora Eva seja a primeira a reconhecer que Deus lhe deu Caim e Sete (Gênesis 4:1, 25), é importante perceber que Adão também teve um papel, ao reconhecer Javé como o Deus que dá a vida ao escolher os nomes de seus filhos. Assim como Eva, Adão também foi coberto pelas "túnicas de pele" (Gênesis 3:21), que simbolizam a salvação. Deus veio até Eva e também até Adão para mostrar-lhes o pecado e a miséria dos quais Ele poderia libertá-los (Gênesis 3:8-15).

A salvação de Adão e Eva não foi por meio de seus próprios esforços ou obras. Quando Deus os procurou para salvá-los, eles se esconderam e apresentaram desculpas pelos pecados cometidos (Gênesis 3:8-13). Foi Deus quem os salvou, e não o contrário como desde o princípio até hoje. Deus disse: "Porei inimizade entre ti e a mulher" (Gênesis 3:15). Adão e Eva não tinham poder nem vontade para escapar do domínio de Satanás. Apenas Deus poderia libertá-los, e Ele o fez. A salvação deles foi inteiramente obra de Deus e totalmente pela graça. Eles haviam desobedecido ao mandamento de Deus, acreditado nas mentiras de Satanás e duvidado do Deus verdadeiro, que os havia criado e com quem tinham comunhão. Por isso, a salvação deles só poderia ser fruto da misericórdia e da Soberania Divina. E, como a salvação foi inteiramente pela graça, ela também foi pela fé (Efésios 2:8). Adão e Eva receberam de Deus a fé para crer na promessa da semente da mulher, Cristo, que esmagaria a cabeça de Satanás na cruz. Assim, desde o começo da humanidade, o Verbo Divino, Jesus Cristo já estava restaurando o estrago feito por Adão.

A Porta Estreita e o Caminho Espaçoso

> "Entrai pela porta estreita (larga é a porta, e espaçoso, o caminho que conduz para a perdição, e são muitos os que entram por ela),

> porque estreita é a porta, e apertado, o caminho que conduz para a vida, e são poucos os que acertam com ela".
>
> - Mateus 7:13-14

Esta passagem é bastante conhecida e, à primeira vista, pode parecer contrariar a ideia de que a maioria será salva. Muitos acreditam que a maioria da humanidade será perdida devido às iniquidades, e que os verdadeiros crentes formam uma minoria. Alguns até questionam a possibilidade de bilhões de cristãos no mundo devido a essa passagem.

Apesar desse pessimismo, é possível esperar que um grande número de pessoas sejam salvas, o que nos permite acreditar que, de fato, o "mundo" será salvo. Uma observação importante nas Escrituras é que, em outras partes, o número dos redimidos é descrito como uma imensa multidão, incontável. Curiosamente, alguns versículos após Mateus 7:13-14, em Mateus 8:11, Jesus fala de muitas pessoas vindo de várias partes do mundo para participar do Reino dos Céus, sentando-se à mesa com Abraão, Isaque e Jacó. Em Apocalipse 7:9, os salvos são descritos como uma grande multidão, impossível de contar, de todas as nações, tribos, povos e línguas. Além disso, diversas profecias mencionam "todas as nações" fluindo para o Reino de Cristo (Isaías 2:2-4; Miquéias 4:1-4).

Para o cristão, não pode haver contradições nas Escrituras Sagradas, portanto, o ensinamento de Cristo sobre a porta e o caminho estreito não deve contradizer as passagens que falam da salvação de uma grande multidão. Na verdade, é possível reconciliar essas passagens e ser otimista quanto à salvação da maioria da humanidade. Quando Jesus fala sobre a porta e o caminho estreitos, Ele se refere mais a uma reflexão ética do que a uma previsão profética sobre o futuro ou o passado. Ele estava convidando Seus discípulos a refletirem sobre a situação que estavam vivenciando, onde muitas almas estavam perecendo e poucas buscavam a justiça e a salvação. O que eles precisavam fazer para mudar essa situação está

claro em João 4:35, onde o Senhor os chama a ver o trabalho que ainda precisa ser feito:

> "Não dizeis vós que ainda há quatro meses até à ceifa? Eu, porém, vos digo: erguei os olhos e vede os campos, pois já branquejam para a ceifa".

Em Mateus 7, Jesus também adverte sobre os falsos profetas (Mateus 7:15-20) e alerta que os seres humanos devem ouvir e agir conforme Suas palavras (Mateus 7:21-27). Os discípulos deveriam perceber a grande quantidade de pessoas entrando no caminho da destruição. A porta e o caminho são estreitos, mas apenas Ele é o Caminho, a Verdade e a Vida (João 14:6). Além disso, podemos entender que os versículos de Mateus 7:13-14 não indicam que poucos serão salvos para sempre, em todas as épocas da história. Não há nenhuma indicação de que no passado isso fosse o caso, nem que continuará sendo no futuro. Ao contrário, diversas passagens, como as que vimos, mostram que uma grande e incontável multidão será salva e que o mundo experimentará a Obra redentora de Cristo. Embora a Queda de Adão tenha sido um grande golpe para a humanidade, a ressurreição e ascensão de Cristo certamente superam os efeitos da Queda à medida que a história avança. Isso ajuda a explicar o porquê o Senhor retarda Sua vinda e até mesmo adia os juízos, para salvar muitos.

Como diz em 2ª Pedro 3:9:

> "O Senhor não retarda a Sua promessa, como alguns a julgam demorada; pelo contrário, Ele é longânimo para convosco, não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento".

Em Mateus 7:13-14, o Senhor faz um chamado ético, e não uma previsão profética. Em Lucas 13:23-25, vemos uma situação semelhante, em que alguém pergunta a Jesus se são poucos os que

serão salvos, mas Ele se recusa a responder diretamente, pois Seu objetivo é chamar os homens ao comprometimento. Ele não permitiu que essa pergunta os desviasse de Seu chamado urgente para que se comprometessem com a salvação.

Muitos Chamados, Poucos Escolhidos

> "Porque muitos são chamados, mas poucos são escolhidos".
> - Mateus 22:14

Este versículo faz parte da parábola do banquete de casamento, em que um rei convida muitas pessoas para a festa, mas algumas recusam o convite e outras não estão preparadas. O rei então manda chamar os rejeitados, mas no final, apenas aqueles que estavam devidamente preparados e vestidos com a vestimenta adequada (uma metáfora para a justiça divina) são aceitos.

Essa passagem, muitas vezes, é interpretada como uma reflexão sobre a salvação. Jesus aponta para o fato de que, embora o convite seja amplo e oferecido a muitos, a verdadeira resposta depende da disposição e preparação do indivíduo para atender ao chamado de Deus. O número restrito de escolhidos pode ser visto como uma alusão à exclusividade do Reino de Deus, que exige um compromisso genuíno.

A frase "poucos são escolhidos" dessa passagem é interpretada como "poucos serão salvos", mas é fato que os intérpretes têm lutado contra a verdadeira interpretação dessa parábola. Tem sido historicamente reconhecido que Jesus em Mateus 22 prevê a destruição de Jerusalém no ano 70 d.C. por rejeitar a oferta do Reino e matar os servos do Senhor. Mas as maiorias dos comentaristas

ignoram totalmente essa conexão quando chegam ao restante do ensino do Novo Testamento sobre a festa do Casamento.

O Senhor Jesus tirou o conceito do Grande Banquete de Casamento da Torá, onde as promessas da Antiga Aliança de Deus foram feitas ao Israel da Antiga Aliança. E é aqui que os intérpretes do Cristianismo evangélico moderno lamentavelmente perderam a história do Banquete de Casamento, porque é amplamente sustentado por muitos que o Casamento não tem relação com Israel e ocorre no fim da Era Cristã. Com isso, o resultado é uma escatologia distorcida e falsa.

Uma das profecias mais importantes do Antigo Testamento sobre o casamento é a de Oséias. Nela, Israel é descrito como a esposa de YHVH, mas cometeu adultério espiritual, o que levou a um divórcio por parte de Deus (Oséias 2:1-3). Como consequência, as dez tribos do norte passaram a ser chamadas de "não meu povo" e "sem misericórdia" (Oséias 1:9f), e Israel "morreu" espiritualmente. No entanto, Deus prometeu que, nos últimos dias, durante a Nova Aliança, Ele se casaria novamente com Israel, retornando para essa nação.

O que torna essa história ainda mais impactante e significativa é que Pedro, o apóstolo destinado aos judeus, ao escrever para a "Diáspora" (termo que se refere às dez tribos do norte espalhadas pelo mundo), afirma que a profecia de Oséias estava se cumprindo com eles, há 2.000 anos! Em 1ª Pedro 2:10, ele cita literalmente Oséias e aplica a promessa ao seu público do primeiro século. Se Pedro estava certo, isso significa que o Grande Banquete de Casamento já estava sendo preparado – o casamento que aconteceria na Vinda de Cristo em juízo contra Jerusalém, estava mais perto do que imaginamos, ainda no tempo de Pedro.

Essa visão refuta a ideia de que a oferta do Reino foi adiada, e também combate a teoria da "Teologia da Substituição" usada contra

os não-dispensacionalistas. Isso põe um fim à ideia de uma reunião física de Israel nos últimos tempos. Se Pedro estava correto (e, claro, ele estava), então Israel, as dez tribos do norte, estavam sendo restauradas no Corpo de Cristo.

Com tudo isso em mente, a questão de que "muitos são chamados, mas poucos são escolhidos", cumpriu-se naquela geração da Igreja Primitiva. É claro que nessa parábola, como em outras também, existem princípios gerais aplicáveis a todas as nações e a todos os tempos; mas não devemos perder de vista sua referência original e primária ao povo judeu. Embora "muitos são chamados, mas poucos são escolhidos" entre os judeus do primeiro século da Era Cristã, em relação aos gentios vemos outra realidade de multidões incontáveis adorando ao Senhor.

Os "muitos são chamados, mas poucos são escolhidos", aplica-se à Era do Reino e ao chamado primeiramente dos judeus. Parece haver um conflito entre a declaração em Joel 3:10; Isaías 2:4 e Miquéias 4:3, onde as nações todas se converterão ao Senhor. Mas quando se vê que a primeira declaração de que "poucos são escolhidos" se aplica a Era antes do ano 70 d.C., e as outras declarações de que todas as nações serão salvas se aplicam a Era Cristã que estamos vivendo, não há conflito.

O Remanescente de Israel

> "Mas, relativamente a Israel, dele clama Isaías: Ainda que o número dos filhos de Israel seja como a areia do mar, o remanescente é que será salvo".
>
> - Romanos 9:27

Este texto mostra claramente que, embora Israel fosse numeroso como a areia do mar, apenas um "remanescente" (ou seja, uma

minoria) seria salva. Essa ideia reflete uma realidade espiritual e teológica: nem todos os israelitas, apesar de sua grandeza numérica, seriam salvos. A salvação, segundo Paulo, não depende da descendência física ou do cumprimento externo da lei, mas da fé genuína em Deus.

A nação de Israel é um "modelo" ou "arquétipo" do que a Igreja deveria ser a nível mundial. A ideia de Israel como "modelo" está ligada ao papel que esse povo desempenhou nas Escrituras. Nesse caso, Israel é visto como um "padrão" ou um exemplo de povo escolhido por Deus para cumprir uma missão específica: ser um testemunho para as nações e viver de acordo com a Lei de Deus. Assim, nesse modelo, a Igreja, formada pelos cristãos, seria chamada a seguir a Deus com a mesma dedicação, vivendo em santidade e proclamando a mensagem Divina para o mundo.

A ideia de Israel como "modelo" ou "padrão" não deve ser interpretada de forma literal, pois Israel, apesar de ser escolhido por Deus, falhou em diversas ocasiões. A Igreja, por sua vez, não falhará como Israel falhou, pois, conforme Jesus disse, "as portas do inferno não prevalecerão contra ela" (Mateus 16:18). Isso indica a promessa de que a Igreja, como o Corpo de Cristo, será protegida e sustentada por Deus, cumprindo o propósito Divino até o fim dos tempos.

Além disso, o Reino de Deus foi tirado de Israel devido à sua rejeição ao Messias e entregue a um povo que produziria os frutos do Reino. Jesus, ao falar com os líderes religiosos de sua época, declarou:

> "Portanto, vos digo que o Reino de Deus vos será tirado e será dado a um povo que produza os seus frutos".
>
> - Mateus 21:43

Este versículo é um indicativo claro de que, ao rejeitar Jesus, Israel perdeu o privilégio de ser o único povo escolhido para dar frutos para

o Reino de Deus, e agora essa responsabilidade recai sobre os gentios, representados pela Igreja.

Podemos concluir que a situação de Israel, onde se comparou seu número a "areia do mar" e apenas um remanescente seria salvo, não pode ser aplicada à Igreja, muito menos à humanidade em geral. Esse foi um caso específico de Israel, relacionado à dureza de coração de seu povo e à sua constante rejeição à vontade de Deus.

Capítulo 2
Juízos Temporais

Neste capítulo, abordarei os juízos temporais, que servem como exemplos ou arquétipos do Juízo Final, previsto para o último dia. Será que todas as pessoas que morreram nos juízos descritos na Bíblia se perderam para sempre? Aqueles que pereceram no Dilúvio e em Sodoma e Gomorra, por exemplo, sofreram uma condenação eterna? Ou será que a punição deles foi apenas temporária, um castigo físico destinado a gerar arrependimento?

É fato que, nos tempos antigos, as sociedades primitivas eram profundamente corrompidas e, em muitos aspectos, menos evoluídas do que o ser humano moderno. A iniquidade que prevalecia antes do Dilúvio, em Sodoma e Gomorra, e entre os cananeus, era tão extrema que Deus interveio com julgamentos específicos. Contudo, antes de concluir que todos aqueles povos foram irremediavelmente perdidos, é importante lembrar o princípio encontrado em Romanos 5:20: "Onde o pecado abundou, superabundou a graça". Esse princípio é fundamental para a compreensão deste capítulo, pois ele nos permite vislumbrar que a salvação pode ter sido muito mais abrangente durante o período pagão do Antigo Testamento do que muitas vezes imaginamos.

O Dilúvio

Na teologia cristã, a questão da salvação daqueles que morreram no Dilúvio é debatida, e diferentes correntes interpretam esse evento de maneiras variadas. A ideia de que as pessoas que morreram no Dilúvio poderiam ter sido salvas, ou que o castigo foi apenas um juízo temporário, é mais comumente associada a algumas correntes teológicas que enfatizam a misericórdia Divina e o arrependimento.

Uma corrente que sugere uma perspectiva de misericórdia mais ampla é a "teologia inclusivista". O Inclusivismo acredita que, mesmo aqueles que não tiveram a oportunidade de conhecer explicitamente o Evangelho de Cristo, ainda podem ser salvos por meio da graça de Deus, desde que tenham vivido de acordo com a luz natural e os princípios morais que receberam. Em relação ao Dilúvio, alguns teólogos inclusivistas poderiam argumentar que, embora as pessoas não tivessem se arrependido de maneira visível ou formal, Deus poderia ter oferecido uma forma de salvação ou, pelo menos, um processo de purificação para elas, dentro do contexto da Sua misericórdia.

Há também quem interprete o Dilúvio como um juízo purificador, não necessariamente como um castigo eterno, mas como uma intervenção divina que visava corrigir a corrupção extrema da humanidade e restaurar a ordem Divina. Nesse sentido, o juízo no Dilúvio seria temporário, afetando o corpo físico e não a alma de forma definitiva. Essa ideia de um juízo com o objetivo de gerar arrependimento e purificação é vista em algumas abordagens teológicas, mas, em geral, a maioria das tradições cristãs entende o Dilúvio como uma manifestação de juízo Divino que não oferece uma segunda chance explícita de arrependimento para aqueles que pereceram.

No entanto, a visão tradicional cristã, baseada na Bíblia, especialmente nos relatos de Gênesis, entende o Dilúvio como um evento de juízo definitivo sobre a humanidade corrupta, com a salvação sendo reservada apenas para Noé e sua família, que foram considerados justos. De acordo com essa visão, as pessoas que morreram no Dilúvio não teriam tido uma chance adicional de salvação, uma vez que o juízo foi uma resposta ao pecado e à rebeldia generalizada.

Assim, a questão sobre a possibilidade de salvação para os que morreram no Dilúvio e o entendimento de que o castigo foi um juízo temporário para gerar arrependimento não é amplamente aceita pelas principais correntes tradicionais da teologia cristã. No entanto, algumas abordagens inclusivistas ou universalistas podem sugerir uma perspectiva mais flexível sobre a misericórdia Divina, permitindo uma reflexão mais ampla sobre a possibilidade de salvação mesmo em situações como o Dilúvio.

1ª Pedro 3:18-19 é um texto que tem gerado muitas discussões na teologia cristã, especialmente no que se refere à salvação dos antediluvianos (aqueles que viveram antes do Dilúvio). O trecho diz:

> "Pois também Cristo morreu uma só vez pelos pecados, o justo pelos injustos, para conduzir-vos a Deus, sendo, na verdade, morto na carne, mas vivificado no espírito; no qual também foi e pregou aos espíritos em prisão, os quais, no tempo passado, foram desobedientes, quando a longa animosidade de Deus esperava nos dias de Noé, enquanto se preparava a arca, na qual poucos, isto é, oito pessoas, se salvaram pela água".
>
> - 1ª Pedro 3:18-20, ARA.

A Pregação em Espírito

O versículo 19 faz referência a Cristo "pregando aos espíritos em prisão", e essa passagem tem gerado diferentes interpretações. A ideia

de "pregação em espírito" é muitas vezes associada ao conceito de que Cristo, após sua morte, teria pregado para os mortos (ou para os "espíritos em prisão"), incluindo os antediluvianos. Isso pode sugerir que, de alguma forma, Cristo teria oferecido a oportunidade de salvação para aqueles que haviam vivido antes do Dilúvio, mas morreram em desobediência.

Uma interpretação universalista (da qual não concordo) é que, embora os antediluvianos tivessem sido julgados e mortos durante o Dilúvio por causa de sua desobediência, a pregação de Cristo aos "espíritos em prisão" teria sido uma oportunidade de salvação após sua morte, quando ele desceu ao Hades ou "região dos mortos", conforme algumas tradições. Nessa linha de pensamento, Cristo teria proclamado a Sua vitória sobre o pecado e a morte e oferecido um caminho de salvação, mesmo para aqueles que haviam sido destruídos no Dilúvio.

"Para que, mesmo julgados na carne, vivam no espírito"

A frase "para que, mesmo julgados na carne, vivam no espírito" (v. 18) pode ser entendida como uma referência ao fato de que, enquanto as pessoas que morreram no Dilúvio experimentaram o juízo físico (o sofrimento e a morte corporal), o objetivo final de Cristo seria a salvação da alma, ou a vivificação no espírito. Ou seja, a morte física deles não seria o fim, mas, por meio da obra de Cristo, poderia haver uma chance de redenção espiritual.

Isso também poderia indicar que, para os antediluvianos, o julgamento físico na carne (a morte no Dilúvio) não significa uma condenação eterna. Estou mais alinhado com essa possibilidade. Cristo, ao pregar aos espíritos em prisão (enquanto eles estavam vivos na carne), ofereceu-lhes uma possibilidade de salvação no sentido espiritual, para aqueles que, de alguma forma, foram desobedientes durante os dias de Noé. A ideia de uma "segunda chance" ou de um anúncio de salvação após a morte está descartada embora o texto de

Pedro apenas pareça sugerir. Mas as correntes teológicas que acreditam na possibilidade de redenção para todos, inclusive os mortos, usam esse texto da carta de Pedro.

A Interpretação Tradicional

A maioria dos teólogos tradicionais interpreta 1ª Pedro 3:18-19 de maneira diferente, considerando que a pregação de Cristo aos espíritos em prisão não se refere a uma "segunda chance" para os mortos, mas sim a uma declaração de vitória sobre as forças do mal. Nesse entendimento, a passagem é vista mais como um ato de Cristo proclamando sua vitória sobre os anjos caídos ou as forças espirituais da maldade, em vez de um Evangelho de salvação para os antediluvianos. Também não compartilho dessa ideia.

Sodoma e Gomorra e Outros Povos

Alguns dizem que Deus deveria se desculpar com Sodoma e Gomorra, por que considerando o fato de que o mundo atual tem, de longe, pecado mais do que aquelas cidades, ainda assim ele não foi destruído. Mas quando Deus mandava destruição para cidades ou civilizações, era porque a medida dos pecados desses povos havia chegado nos limites, até o céu.

Assim, não creio que na atual organização das sociedades em que vivemos haja pecado tão concentrado como no caso das duas cidades de Sodoma e Gomorra. Creio que a concentração de maldade em cidades nos nossos tempos modernos não chega nem perto do que foram os povos da antiguidade. Lembre-se que eles viviam em cidades cercadas por muros e isto favorece uma maior concentração e maldade, caso a cidade se corrompa. Hoje vivemos espalhados em

nossas cidades e isto favorece para que haja uma diluição da maldade. O fato é que nos tempos modernos as pessoas mantêm seus pecados em segredo, mas se as práticas pecaminosas se tornam tão socialmente normais que elas não precisem mais esconder, finalmente seremos como Sodoma e Gomorra. Mas até então, NINGUÉM pecou mais que essas duas cidades na forma coletiva e extremamente concentrada.

E à medida que recuamos na história, a população humana era significativamente menor. Isso ocorre por uma série de razões relacionadas ao desenvolvimento das sociedades humanas, condições de vida, e avanços tecnológicos. A população mundial em períodos antigos, como durante o Dilúvio, Sodoma e Gomorra, e a presença dos cananeus era bem menor quando comparada com outras épocas mais recentes.

No tempo do Dilúvio (Gênesis 6-9) sugere que, antes da catástrofe, a população humana já estava se espalhando e crescendo. A genealogia bíblica, por exemplo, menciona longas vidas para figuras como Adão, Sete, Noé, entre outros, e essas longas esperas podem indicar uma taxa de crescimento populacional considerável em um longo período. Contudo, os textos não nos fornecem números exatos, mas o crescimento demográfico seria muito dependente da fertilidade da terra, das condições climáticas, e das práticas de cultivo e caça. É razoável supor que a população era pequena em relação aos tempos modernos, mas ainda em processo de expansão.

Sobre as cidades de Sodoma e Gomorra, conforme descritas na Bíblia (Gênesis 18-19), não há uma estimativa precisa da população dessas cidades na época, mas considerando que eram cidades antigas e pequenas, é provável que a população fosse reduzida em comparação com grandes centros urbanos da atualidade. Em termos históricos, essas cidades eram provavelmente centros regionais de comércio ou atividade social, mas não grandes metrópoles.

Os cananeus habitavam uma região do Oriente Médio que inclui o atual Israel, Palestina, Líbano e partes da Síria e Jordânia. A população dos cananeus era composta por várias cidades-estados, cada uma com sua própria cultura e governança. O tamanho dessas cidades e a densidade populacional variavam. Embora a população fosse maior que a das cidades de Sodoma e Gomorra, não era comparável à densidade populacional das grandes civilizações antigas, como o Egito ou Mesopotâmia. As populações eram menores e a vida era mais rural, com a agricultura como principal fonte de sustento.

Em termos gerais, a população mundial cresceu de forma exponencial ao longo da história. Entrei nesse raciocínio para mostrar que, embora as populações de povos antigos como os antediluvianos, os sodomitas, os de Gomorra e os cananeus tenham sido menores, isso nos leva a uma conclusão importante. Se esses povos, segundo as Escrituras, se perderam eternamente como consequência do castigo a eles imposto, podemos inferir que o número de pessoas que se perderam de forma definitiva na antiguidade não foi tão elevado quanto se costuma imaginar. E aqui surge uma questão crucial. Ao compararmos os números populacionais daquela época com os dados mais atuais, podemos observar algo revelador.

O *Instituto Population Reference Bureau*,[3] uma organização americana que se dedica ao estudo de fenômenos populacionais, estima que cerca de 107 bilhões de pessoas já viveram na Terra desde o início da história humana. Esse número impressionante é cerca de 16 vezes maior do que a população mundial atual. Isso nos leva a refletir que, se considerarmos a vasta continuidade da história humana até 2025, a quantidade de pessoas que se perderam na antiguidade nos tempos do Dilúvio, Sodoma, Gomorra e os Cananeus, representa um número insignificante, especialmente em relação ao total da população ao longo dos séculos.

[3] IInstituto americano Population Reference Bureau. Site: www.prb.org

Portanto, embora as perdas de vidas na antiguidade como as mencionadas nas narrativas bíblicas, possam ter sido significativas dentro de seu contexto, em termos absolutos, elas são pequenas se comparadas ao total de pessoas que viveram e viverão na Terra ao longo de toda a história da humanidade. Essa reflexão ajuda a relativizar a magnitude dos eventos antigos e a compreender de maneira mais equilibrada o impacto das questões espirituais e históricas que eles representam.

Embora muitos teólogos considerem que todos os habitantes do Dilúvio, de Sodoma e Gomorra, e os cananeus se perderam, há quem acredite na possibilidade de arrependimento quando o juízo de Deus se abateu sobre esses povos. Isso não significa que todos se arrependeram, mas sim que a oportunidade de arrependimento poderia ter sido dada, até mesmo no momento em que o juízo chegou. O próprio Senhor Jesus afirmou que, se os Seus milagres tivessem sido realizados em Sodoma e Gomorra, aquelas cidades teriam se arrependido e estariam em pé até hoje (Mateus 11:23-24). Isso sugere que algo mais, como os milagres realizados por Jesus, poderia ter levado aquelas cidades ao arrependimento, mas, no entanto, o Senhor escolheu não agir dessa forma. Mas é fato que "haverá menos rigor para os de Sodoma, no dia do juízo, do que para ti [referindo-se a Cafarnaum] (verso 24).

A Escritura mostra que a oportunidade de arrependimento pode ser dada mesmo quando o flagelo já está caindo sobre as pessoas. Em Apocalipse, por exemplo, vemos que, apesar de sofrerem as consequências de seus pecados, muitos não se arrependem (Apocalipse 9:20-21), o que demonstra a possibilidade de arrependimento, mesmo no contexto de juízos severos.

Alguns veem os povos antediluvianos, de Sodoma e Gomorra, e os cananeus apenas como exemplos ou arquétipos dos juízos definitivos, mas isso não implica necessariamente que todos esses povos se

perderam de maneira irreversível. No próximo tópico, explorarei essa questão de juízo temporal e a comparação com os dois ladrões ao lado de Jesus na cruz.

Os Dois Ladrões na Cruz ao Lado de Jesus e os Juízos Temporais

> "Naquele momento, foram crucificados com ele dois ladrões, um à sua direita e outro à sua esquerda.
> Da mesma forma, os ladrões que estavam crucificados com ele o insultavam".
>
> - Mateus 27:38-44

> "E com ele crucificaram dois ladrões, um à sua direita e outro à sua esquerda.
> Os que estavam crucificados com ele também o insultavam".
>
> - Marcos 15:27-32

> "Um dos criminosos que ali estavam pendurados o insultava: "Você não é o Cristo? Salve-se a si mesmo e a nós!"
> Mas o outro o repreendeu: "Você não tem respeito por Deus, nem mesmo estando sob a mesma condenação?
> Nós estamos sendo punidos com justiça, pois estamos recebendo o castigo que os nossos crimes merecem, mas este homem não fez nada de errado".
> E disse: "Jesus, lembra-te de mim quando entrares no teu Reino!"
> Jesus lhe respondeu: "Eu lhe garanto: hoje você estará comigo no paraíso".
>
> - Lucas 23:39-43

Em Romanos 13:4, é afirmado que a autoridade governamental "é serva de Deus, agente da justiça para punir quem pratica o mal". No caso dos dois ladrões ao lado de Jesus, eles estavam sendo legitimamente punidos por suas ações malignas em Israel. Vale observar que, durante a crucificação, ambos zombaram de Jesus.

Contudo, somente o Evangelho de Lucas relata que um deles se arrependeu ao perceber a inocência de Jesus, reconhecendo-o como Rei.

Os dois ladrões estavam sofrendo o juízo temporal devido aos seus pecados, assim como os habitantes do Dilúvio, de Sodoma, Gomorra e os Cananeus. No entanto, mesmo no momento de juízo, um deles se arrependeu. Isso sugere, de forma não herética, mas plausível, que o arrependimento pode ocorrer mesmo no contexto do juízo divino. Além disso, abre a possibilidade de que alguns dos povos mencionados possam ter sido salvos por Cristo.

Partindo do princípio de que Jesus é o segundo Adão e que Sua obra é infinitamente superior à do primeiro Adão, essa possibilidade não pode ser descartada, embora, claro, não se possa afirmar com total certeza.

Capítulo 3
A obra de salvação de Deus nos povos pagãos

Neste capítulo, abordarei a obra de salvação de Deus entre os povos pagãos ao longo da história. É inegável que, desde os tempos mais antigos, Deus nunca deixou de dar testemunho de Si mesmo, mesmo para aqueles que não O conheciam. Como o apóstolo Paulo afirma em Atos 14:17, "Deus, embora tenha deixado as nações andarem nos seus próprios caminhos, não deixou de dar testemunho de Si mesmo, fazendo o bem, dando-vos chuvas do céu, e estações frutíferas, enchendo os vossos corações de comida e alegria". Aqui, vemos que Deus se revelou de diversas formas, oferecendo sinais claros de Sua presença e bondade, mesmo em meio aos povos que não tinham acesso direto à revelação plena da Sua Palavra.

Além disso, em Atos 17:27-28, Paulo destaca que "Deus fez todas as nações dos homens de um só sangue, e os estabeleceu em lugares determinados, para que, tateando, pudessem buscar a Deus, e, de alguma maneira, achá-Lo". Essa ideia nos ensina que Deus, em Sua soberania e graça, tem proporcionado oportunidades para que todos os seres humanos, independentemente de sua origem ou contexto cultural, possam buscar a verdade e encontrar um relacionamento com Ele.

É importante lembrar que a Palavra de Deus, como diz Isaías 55:11, "não voltará para Mim vazia, mas fará o que Me apraz, e prosperará

naquilo para que a enviei". Esta promessa revela a fidelidade de Deus em cumprir Seus propósitos, inclusive no que diz respeito à salvação dos povos pagãos. Mesmo sem o pleno conhecimento das Escrituras, a revelação de Deus nas obras da criação, na moralidade natural e nas Suas ações providenciais permitiu a muitos povos antigos vislumbrar e responder à Sua chamada, de maneiras que, embora misteriosas, são testemunhos de Sua graça.

Portanto, é certo que Deus realizou uma obra grandiosa de salvação entre os povos pagãos na antiguidade. Sua ação não se limitou apenas ao povo de Israel, mas se estendeu a todas as nações, proporcionando-lhes a oportunidade de reconhecer Sua soberania e, eventualmente, ser atraídos para a Sua graça redentora. A história da salvação, portanto, é mais ampla e mais profunda do que muitos podem imaginar, alcançando todos os cantos da terra, através das múltiplas formas de revelação divina.

É como disse Brennan Manning em seu livro *O Evangelho Maltrapilho,* citando Henri Nouwen, "a maior parte da obra de Deus no mundo talvez passe despercebida. Há uma série de pessoas que ficaram famosas e amplamente conhecidas pelos seus ministérios, mas grande parte da atividade salvífica de Deus na nossa história pode permanecer ainda completamente desconhecida. Este é um mistério difícil de apreender numa era que atribui tamanha importância à publicidade".[4]

O fator Melquisedeque

O sacerdote-rei Melquisedeque é um personagem misterioso na Bíblia. Ele aparece apenas três vezes nas Escrituras (Gênesis 14.18-

[4] E-book: O Evangelho Maltrapilho, pg. 12. Versão digital disponível na Internet. Autor: Brennan Manning. Editora Mundo Cristão.

20; Salmos 110.4; Hebreus 6.20; 7.1-10). Infelizmente, é com tristeza que observo que os cristãos falam muito pouco — ou quase nada — sobre Melquisedeque. Se o leitor pesquisar sobre ele em sites de busca, como o Google, encontrará milhares de referências em páginas de misticismo, esoterismo e até de bruxaria. No entanto, em sites cristãos, na maioria das vezes, a discussão sobre Melquisedeque se resume ao básico.

Quem foi Melquisedeque?

O nome Melquisedeque é a combinação de duas palavras do cananeu: *melchi*, que significa "rei", e *zadok*, que significa "justiça", ou seja, "rei da justiça". Melquisedeque era o rei de Salém, uma cidade de Canaã, e o nome "Salém" significa "paz" na língua cananeia. Curiosamente, o nome dessa cidade mais tarde originou a saudação hebraica "Shalom" e seu equivalente árabe, "Salaam". Além disso, Salém contribuiu com suas cinco letras para a formação do nome "Jerusalém", que significa "fundamento da paz".

Mas, mais interessante do que a cidade de Salém, é a figura do rei que governava essa cidade: Melquisedeque.

O Contexto de Melquisedeque e a Cidade de Salém

Os cananeus, o povo de Salém, eram conhecidos por práticas pagãs como sacrifícios de crianças, prostituição nos templos, legalização da homossexualidade e idolatria generalizada. Diante desse cenário, surge a pergunta: como um rei da paz, como Melquisedeque, poderia governar sobre um povo tão imerso em práticas abomináveis?

Melquisedeque, além de rei, era também sacerdote do Deus Altíssimo (Gênesis 14.18). Segundo Don Richardson, autor do livro

O Fator Melquisedeque, a resposta parece estar no papel simbólico que Melquisedeque desempenhava na economia de Deus. Ele representava a revelação geral de Deus para a humanidade, enquanto Abraão representava a revelação especial, baseada na Aliança Divina, conforme registrada nas Escrituras. A revelação geral de Deus, que é mais antiga e tem um alcance universal (Salmo 19), serviu de base para que Abraão, em reconhecimento a essa revelação universal, pagasse o dízimo a Melquisedeque.

Melquisedeque como Tipo de Cristo

Melquisedeque é considerado um tipo de Cristo. Ele pertence a uma ordem sacerdotal superior à ordem levítica, que estava sob a lei de Moisés. Enquanto a ordem levítica era temporária, a ordem sacerdotal de Melquisedeque — à qual Cristo pertence — é eterna e transcende os limites do tempo. Melquisedeque é, portanto, uma figura prefigurativa do próprio Cristo, representando o Filho de Deus reinando entre os gentios.

Em Hebreus, encontramos esta conexão mais claramente:

> - "Jesus, como precursor, entrou por nós, tendo-se tornado sumo sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque".
>
> - Hebreus 6:20

> - "Porque este Melquisedeque, rei de Salém, sacerdote do Deus Altíssimo, que saiu ao encontro de Abraão, quando voltava da matança dos reis, e o abençoou, para o qual também Abraão separou o dízimo de tudo, primeiro se interpreta como rei de justiça, depois também é rei de Salém, ou seja, rei de paz; sem pai, sem mãe, sem genealogia, que não teve princípio de dias, nem fim de existência, entretanto, feito semelhante ao Filho de Deus, permanece sacerdote perpetuamente".
>
> - Hebreus 7:1-3

Esses versículos nos ajudam a entender que Melquisedeque, de alguma maneira, simboliza Cristo: um sacerdote eterno, sem princípio nem fim, que não está preso às limitações humanas e temporais, mas representa uma realidade celestial e atemporal.

Uma curiosidade interessante é que, ao se encontrar com Melquisedeque, Abraão aceitou o título de "Deus Altíssimo" usado por ele e o associou ao "Senhor" (Gênesis 14:22). Dessa forma, Abraão deu testemunho do Deus único e verdadeiro, a quem Melquisedeque se referia como servo. O termo "Deus Altíssimo", em hebraico, é *El Elyon*. De acordo com a Bíblia de Estudo Almeida, *El Elyon* era o deus supremo dos habitantes da Jerusalém pré-israelita. Ao identificar esse deus com Javé, o Senhor Deus de Israel, o texto bíblico revela que tanto Abraão, o patriarca do povo judeu, quanto Melquisedeque, rei e sacerdote não-israelita, adoravam o mesmo Deus criador, embora sob nomes diferentes.

Esse contraste nos nomes de Deus, sendo um deles associado ao paganismo, não teve impacto sobre Abraão. Se ele fosse uma pessoa orgulhosa, arrogante e cheia de altivez, como muitos no meio cristão, poderia ter respondido a Melquisedeque:

> "Um momento, Melquisedeque! O nome correto do Deus Altíssimo é *El Shaddai* (Deus Todo-Poderoso), e não *El Elyon*! Além disso, não posso aceitar uma bênção oferecida sob esse nome cananeu, já que tudo relacionado aos cananeus está marcado por conceitos pagãos, como a idolatria. Além disso, Javé me disse que sou eu quem deva ser uma bênção e abençoar todas as famílias da terra, inclusive Vossa Majestade. Não acha um pouco presunçoso de sua parte me abençoar?"

No entanto, Abraão agiu de maneira completamente diferente. Ele demonstrou humildade ao oferecer o dízimo dos despojos da guerra que havia vencido contra os cinco reis. Mesmo sendo o portador das promessas de Deus, Abraão não se deixou dominar pela arrogância, e

através de sua humildade, reconheceu a superioridade de Melquisedeque.

O autor de Hebreus enfatiza essa superioridade ao dizer:

> "Considerai, pois, como era grande esse a quem Abraão, o patriarca, pagou o dízimo tirado dos melhores despojos. Ora, os que dentre os filhos de Levi recebem o sacerdócio têm mandamento de recolher, de acordo com a lei, os dízimos do povo, ou seja, dos seus irmãos, embora tenham estes descendido de Abraão; entretanto, aquele cuja genealogia não se inclui entre eles recebeu dízimos de Abraão e abençoou o que tinha as promessas. Evidentemente, é fora de qualquer dúvida que o inferior é abençoado pelo superior. Aliás, aqui são homens mortais os que recebem dízimos, porém ali, aquele de quem se testifica que vive. E, por assim dizer, também Levi, que recebe dízimos, pagou-os na pessoa de Abraão. Porque aquele ainda não tinha sido gerado por seu pai, quando Melquisedeque saiu ao encontro deste".
>
> - Hebreus 7:4-10

Recomendo ao leitor que explore todos os textos bíblicos que mencionam Melquisedeque, especialmente as passagens de Hebreus citadas no início deste tópico. O fato é que o tema de Melquisedeque é, frequentemente, ignorado ou pouco explorado. Isso ocorre, em parte, porque o estudo de Melquisedeque e suas implicações pode descontruir e relativizar um sistema de crenças de muitas denominações.

No caso de Melquisedeque, Deus demonstra Sua liberdade ao estabelecer um sacerdote-rei para viver entre um povo pagão, adotando um nome distinto para se referir a "Deus" e, dessa forma, alcançar outros povos para a salvação em Cristo. Assim, Deus tem a "justificativa" bíblica para agir de acordo com Sua soberania, derramando Sua Graça conforme Sua vontade, sem necessidade de explicações a quem quer que seja.

Faraó e o Nome de Deus em toda a terra

> "Para isto mesmo te levantei, para mostrar em ti o meu poder e para que o meu nome seja anunciado por toda a terra".
>
> - Romanos 9:17

O trabalho de Deus é contínuo e imparável. Ele é soberano sobre toda a criação e, em Sua infinita sabedoria, usa até mesmo os instrumentos mais improváveis para cumprir Seus propósitos. No caso de Faraó, Deus o levantou não apenas para demonstrar Sua grandeza, mas também para que Seu nome fosse proclamado em todas as nações. O poder divino não se limita a exibir autoridade, mas sempre busca revelar Sua glória de maneiras que transcendam a compreensão humana.

Deus, ao levantar Faraó, não agiu em vão. A Escritura nos assegura que Sua palavra não retorna vazia, mas cumpre sempre o que Ele propõe (Isaías 55:11). Portanto, ao permitir que Faraó fosse colocado em uma posição de poder, Deus tinha um propósito claro: fazer com que Sua soberania fosse reconhecida não só no Egito, mas por todo o mundo.

Por mais que o Faraó tenha resistido a Deus, sua história, de forma paradoxal, se tornou um meio de demonstração do poder Divino. Quando Deus exige que Seu nome seja proclamado, não há obstáculo que possa impedi-Lo. Mesmo diante da obstinação humana, o plano Divino se cumpre, porque Ele sempre age de acordo com Sua perfeita vontade. O resultado mais tarde, na história de Israel, se tornou evidente através dó que Deus falou ao profeta Malaquias:

> "**Pois do oriente ao ocidente, grande é o meu nome entre as nações. Em toda parte incenso é queimado e ofertas puras são trazidas ao meu nome, porque grande é o meu nome entre as nações"**, diz o SENHOR dos Exércitos.
>
> [...]
>
> ...diz o SENHOR dos Exércitos; "**pois eu sou um grande rei, e o meu nome é temido entre as nações**".
>
> - Malaquias 1:11-14 – o grifo é meu.

Não basta afirmar simplesmente que esses versículos são uma profecia messiânica. É fundamental reconhecer que há também uma aplicação imediata dentro do contexto da época.

Embora seja interpretado por muitos como uma profecia messiânica, referindo-se ao momento em que a adoração verdadeira se expandiria globalmente através do Messias, no entanto, há também correntes de pensamento que defendem que essa adoração universal já estava em andamento durante o tempo de Malaquias. Para esses intérpretes, o profeta não está apenas antecipando um futuro distante, mas apontando para o movimento de adoração que já acontecia, mesmo que de forma limitada, no período pós-exílio. Durante esse tempo, o culto ao Deus de Israel já começava a se espalhar para outras nações, com pessoas de fora sendo atraídas para Jerusalém, como no caso de alguns gentios que se convertiam ao judaísmo ou se aproximavam do templo para adorar a Deus. Portanto, Malaquias poderia estar destacando essa expansão da adoração, como algo já em andamento, e não apenas algo a ser cumprido futuramente.

Isso reflete a profecia feita ao faraó, sobre o Nome de Deus ser conhecido em toda a terra. Até mesmo o rei Nabucodonosor teve uma experiência de conversão. O versículo que descreve a conversão de Nabucodonosor está em Daniel 4:34-37. Após ser restaurado à sua

razão e ao seu reino, ele faz uma declaração de louvor e reconhecimento à soberania de Deus. Aqui está o trecho:

> "Quando passou esse tempo, eu, Nabucodonosor, levantei os meus olhos para o céu, e a minha razão me foi restaurada. Então louvei ao Altíssimo, glorifiquei e dei graças ao que vive para sempre. Seu domínio é eterno, e o seu reino, de geração em geração.
>
> Todos os povos da terra são considerados como nada; ele faz o que deseja com os exércitos do céu e com os povos da terra. Ninguém pode impedir a mão dele ou perguntar-lhe: 'O que estás fazendo?'
>
> Na mesma hora, a minha razão me foi restaurada, e a honra e o esplendor do meu reino me foram devolvidos. Os meus conselheiros e governantes voltaram a me procurar, e fui restabelecido no meu trono, e se me deram mais poder do que antes.
>
> Agora, eu, Nabucodonosor, louvo, exalto e glorifico o Rei dos céus, porque tudo o que ele faz é certo, e os seus caminhos são justos. E ele pode humilhar os que andam com arrogância".

Neste trecho, Nabucodonosor expressa sua conversão, reconhecendo Deus como soberano e exaltando Sua grandeza.

A liberdade de Deus para salvar

Todos os exemplos citados até agora — desde Adão e Eva, passando pelo Dilúvio, a destruição de Sodoma e Gomorra, o juízo sobre os cananeus, a opressão do Faraó, rei do Egito, até a ascensão de Nabucodonosor — demonstram claramente que a Obra realizada pelo Segundo Adão, Jesus Cristo, é incomparavelmente maior do que os danos causados pelo primeiro Adão. Através de cada um desses episódios, podemos observar o impacto do pecado e das ações humanas na história da humanidade, mas também vemos como, com

a vinda de Cristo, a possibilidade de redenção e restauração foi aberta de forma definitiva. O primeiro Adão trouxe ao mundo o pecado, a morte e a separação de Deus, enquanto o Segundo Adão, Jesus, trouxe a salvação, a vida eterna e a reconciliação com o Pai.

No capítulo seguinte, irei tratar especificamente da Obra de Cristo como o Segundo Adão, explorando como essa missão transcende as narrativas do Antigo Testamento e se estende para os tempos do Novo Testamento, trazendo consigo uma nova esperança e renovação para a humanidade. Através de Sua vida, morte e ressurreição, Jesus não apenas corrigiu os erros de Adão, mas também abriu o caminho para um relacionamento restaurado com Deus, oferecendo um futuro glorioso para todos aqueles que Nele creem.

Capítulo 4
A Obra Infinita do Segundo Adão

Em meio à vastidão da história humana, a obra de Cristo brilha com uma luz incomparável. Ele, o Cordeiro de Deus, vem para tirar o pecado do mundo, como João declara em sua visão do Salvador, dizendo: "Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo" (João 1:29). É importante notar que, no original grego, a expressão "tira" (ἀἰρων, *airō*) está no presente, mas implica uma ação contínua e atemporal: é uma ação que transcende o tempo, abrangendo o passado, o presente e o futuro. Assim, o ato de Cristo tirar o pecado não se limita ao momento em que Ele morreu na cruz, mas se estende através de toda a história, tocando todos os aspectos do pecado — o pecado cometido, o pecado vivido e o pecado que viria. A salvação que Ele oferece é para "todos os homens" — uma expiação que alcança cada ser humano, como evidenciado em Romanos 5:18 e 1ª Coríntios 15:22. A obra redentora de Cristo é, portanto, universal, sem fronteiras ou limites.

Cristo, o Salvador de todos, oferece uma salvação poderosa, que não só liberta do pecado, mas traz uma renovação completa do ser. Sua obra redentora é infinita em valor, pois é capaz de restaurar a alma humana, quebrando o poder do pecado e da morte. Sua expiação não se limita ao passado, mas atinge todos os tempos, alcançando cada coração que crê. "Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu seu Filho unigênito, para que todo aquele que

nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna" (João 3:16). A salvação trazida por Cristo é para todos, sem exceção, uma oferta graciosa que se estende ao longo de toda a humanidade e de todos os tempos.

Em 1ª João 2:2, vemos que Ele é o sacrifício propício não apenas pelos nossos pecados, mas pelos de todo o mundo. O alcance de Sua redenção é sem igual, e o valor de Sua obra redentora ultrapassa qualquer compreensão humana. Jesus Cristo, como o Senhor de todos, detém as chaves da morte e do inferno (Apocalipse 1:18), e nada escapa ao Seu controle soberano. Ele é o Rei eterno que, ao ressuscitar dos mortos, conquistou a vitória sobre tudo o que nos aprisiona. Enquanto o diabo se limita a matar, roubar e destruir, Cristo possui autoridade para despojar o valente de seus bens, abrir o túmulo para os salvos e, ao mesmo tempo, lançar Seus inimigos na condenação eterna.

A conversão de todas as nações no Salmo 22 cumpridas por Cristo

O resultado da obra infinita e perfeita de Cristo se tornará progressivamente visível em todas as nações, à medida que o Evangelho avança pelo mundo. O Salmo 22:27-31 já antecipa essa realidade:

> "Lembrar-se-ão do Senhor e a ele se converterão os confins da terra; perante ele se prostrarão todas as famílias das nações.
>
> Pois do Senhor é o reino, é ele quem governa as nações.
>
> Todos os opulentos da terra hão de comer e adorar, e todos os que descem ao pó se prostrarão perante ele, até aquele que não pode preservar a própria vida.
>
> A posteridade o servirá; falar-se-á do Senhor à geração vindoura.
>
> Hão de vir anunciar a justiça dele; ao povo que há de nascer, contarão que foi ele quem o fez".

O Salmo em questão não fala sobre uma minoria, mas sim sobre 'os confins da terra', 'todas as famílias das nações' e 'todos os opulentos da terra', acrescentando que a 'posteridade' — as gerações vindouras — certamente O servirão. Não se trata de minoria como a religião sempre costuma nos ensinar. Alguém disse que o futuro do cristianismo será o mesmo do passado: 'minorias'. Mas o profeta Isaías também contradiz isso, quando escreveu:

> "Nos últimos dias, acontecerá que o monte da Casa do Senhor será estabelecido no cimo dos montes e se elevará sobre os outeiros, e para ele afluirão todos os povos.
>
> Irão muitas nações e dirão: Vinde, e subamos ao monte do Senhor e à casa do Deus de Jacó, para que nos ensine os seus caminhos, e andemos pelas suas veredas; porque de Sião sairá a lei, e a palavra do Senhor, de Jerusalém.
>
> Ele julgará entre os povos e corrigirá muitas nações; estas converterão as suas espadas em relhas de arados e suas lanças, em podadeiras; uma nação não levantará a espada contra outra nação, nem aprenderão mais a guerra".
>
> - Isaías 2:2-4

Nossos líderes religiosos, incluindo muitos pastores, tendem a adotar uma visão excessivamente pessimista. Eles frequentemente ensinam que o povo cristão sempre será uma minoria. Sobre isso, alguém escreveu:

> "À medida que a filiação religiosa despenca e os cristãos americanos se preocupam em se tornar uma minoria, faríamos bem em lembrar que os cristãos sempre foram uma minoria.
>
> [...]
>
> Lutero descreve a igreja como "um pequeno grupo santo e congregação de santos puros, sob uma cabeça, Cristo, convocados pelo Espírito Santo em uma fé, uma mente e entendimento, com

múltiplos dons, mas concordando em amor, sem seitas ou cismas". (Catecismo Maior, Credo dos Apóstolos, Artigo III, parágrafo 51)

[...]

Mesmo onde os cristãos são a maioria — e isso ainda é possível — nos sentiremos pequenos e sitiados neste mundo esmagadoramente pecaminoso, de modo que devemos sempre nos apegar a Cristo que nos liberta".[5]

O mesmo autor ainda cita o artigo *The Metaphysics of Laissez-Faire Christianity and Pluralism* (A Metafísica do Cristianismo Laissez-Faire e do Pluralismo), de um estudante anônimo de Cambridge, escrevendo sob o pseudônimo de Erik Dahlbergh, o nome de um engenheiro militar luterano sueco do século XVII. O artigo diz:

"A religião cristã é, em um sentido fundamental, uma religião minoritária. Isso não quer dizer que ela não tenda a, ou que não possa formar, estabelecimento. Em vez disso, o ponto é que os cristãos assumem reflexivamente que estarão na minoria. Isso significa que o cristão não depende, para a continuação de sua fé, do consentimento de outros".[6]

O conhecido pastor Augustus Nicodemus Lopes, contrariando o que Cristo disse em Mateus 16:18, pregou "um sermão na Primeira Igreja Presbiteriana de Goiânia e afirmou que esse período [o da Grande Tribulação] será marcado por uma quase extinção da Igreja",[7] sem contar o já conhecido pessimismo de seus sermões escatológicos.

[5] Artigo: Christianity Is Always a Minority Religion. Autor: Gene Veith. Site: https://www.patheos.com/blogs/geneveith/2023/10/christianity-is-always-a-minority-religion/ Acessado dia 05/01/2025

[6] Idem nº 5.

[7] Grande Tribulação será intensa e levará Igreja à beira da extinção, alerta Nicodemus. Site: www.noticias.gospelmais.com.br/grande-tribulacao-igreja-extincao-nicodemus-129044.html Acessado dia 28 de Novembro de 2020.

Enquanto esses teólogos e muitos outros líderes religiosos enxergam o futuro da Igreja de forma sombria, os apóstolos, apesar de enfrentarem desafios muito maiores, mantiveram a esperança de que o Reino de Deus prevaleceria sobre tudo. Vale a pena refletir sobre como era à situação da Igreja no primeiro século da Era Cristã e como ela evoluiu ao longo do tempo, especialmente em termos de crescimento numérico.

Segundo o teólogo J. D. King, "muitos não estão dispostos a aceitar isso, mas o número de pessoas que se dizem cristãos ao redor do mundo quase quadruplicou no último século, de cerca de 600 milhões em 1910 para mais de 2,3 bilhões a partir de 2011. Portanto, perto de um terço do mundo agora se identifica com o cristianismo. Isto representa uma alteração significativa ao longo do tempo".[8]

King cita também as observações dos teólogos Jonathan Welton e Jim Wies que dizem o seguinte:

> "No ano 100AD, 1/360 da população mundial era cristã. Por volta do ano 1000 AD, 1/220 da população mundial era cristã. Em 1500, a percentagem de cristãos aumentou para 1/69 da população mundial. Por volta de 1900, com uma população mundial de pouco mais de um bilhão, o cristianismo tinha subido para 1/27 da população. Em 1990, a percentagem de cristãos aumentou para 1/7 da população mundial. Como já foi dito, estima-se agora que há sete bilhões de pessoas no planeta Terra e que um total de um terço deles (uma em cada três pessoas no mundo) são seguidores de Jesus!"[9]

Esse crescimento gradativo estava previsto nas parábolas do fermento e do grão de mostarda:

---

[8] E-book: Você foi enganado ao Crer no Mito de que o Mundo está ficando cada vez Pior? pg. 19. Autor: J. D. King. Site: https://www.revistacrista.org/literatura_Revista021.html Acessado dia 05/01/2025

[9] Idem nº 8, pg. 19.

> "E dizia: A que é semelhante o Reino de Deus, e a que o compararei? É semelhante ao grão de mostarda que um homem, tomando-o, lançou na sua horta; e cresceu, e fez-se grande árvore, e em seus ramos se aninharam as aves do céu. E disse outra vez: A que compararei o reino de Deus? É semelhante ao fermento que uma mulher, tomando-o, escondeu em três medidas de farinha, até que tudo levedou".
>
> - Lucas 13:18-21

O significado dessas palavras é claro. O Senhor explicou que o Reino de Deus começaria pequeno insignificante – pelo menos na aparência -, mas não permaneceria assim perpetuamente. A comparação que o Senhor fez do Reino de Deus com o grão de mostarda e com o fermento mostra que esse Reino começaria pequeno (cf. Mateus 4:31), mas que, progressivamente, cresceria e se expandiria até que dominasse tudo no mundo. É exatamente isso que vimos nas estatísticas acima que não param de crescer.

O teólogo J. D. King conclui dizendo que "a análise imparcial e uma infinidade de estatísticas relevantes podem confirmar que o mundo está realmente ficando cada vez melhor. Há uma maior prosperidade, paz e saúde do que nunca antes registrada na história. O Reino de Deus está avançando corajosamente e está transformando tudo em seu rastro".[10]

A reconciliação de todas as coisas no Céu e na Terra

> "...e que, havendo feito a paz pelo sangue da sua cruz, por meio dele, reconciliasse consigo mesmo todas as coisas, quer sobre a terra, quer nos céus".
>
> - Colossenses 1:20

[10] Idem nº 8, pg. 32.

Esta passagem revela um ensinamento mais profundo e enigmático — que a reconciliação através do sangue de Cristo não envolve apenas a humanidade, mas "todas as coisas, tanto as que estão na terra quanto as que estão no céu". Na verdade, trata-se de uma explicação mais abrangente da verdade de que "Deus estava em Cristo reconciliando o mundo (*ho kosmos*) consigo mesmo" (2ª Coríntios 5:19), e que "toda a criação aguarda", "com grande expectativa", "a manifestação dos filhos de Deus", sendo "libertada da escravidão da corrupção para a liberdade gloriosa dos filhos de Deus" (Romanos 8:19-21). Embora isso seja expresso de forma mais clara e impactante, nos dá uma ideia do alcance infinito, não apenas da Mediação do Senhor, mas também de Sua Expiação. Embora essa verdade seja quase desconcertante, ela ainda é capaz de satisfazer a mente que reflete e, mais do que isso, é capaz de alimentar uma fé que adora. Assim como parece existir uma unidade física no Universo, conforme indicam às hipóteses da ciência, a Escritura Sagrada afirma que também há uma unidade moral e espiritual em Jesus Cristo.

Alguns interpretam Colossenses 1:20 para defender o Universalismo da Salvação — a ideia de que, no fim, todas as criaturas, até mesmo o diabo, serão reconciliadas com Deus, e que não haverá um inferno eterno. Mas o problema é que essa visão do Universalismo da Salvação não é compatível com o que Jesus e os apóstolos ensinam em outros trechos do Novo Testamento. A ideia universalista não é o único significado possível de Colossenses 1:20.

Uma das razões pelas quais algumas pessoas pensam que Colossenses 1:20 sugere uma reconciliação universal imediata é porque interpretam que "todas as coisas" no Universo serão reconciliadas com Deus no presente. No entanto, eu não acredito que seja essa a intenção do apóstolo Paulo. Creio que ele se referiu ao futuro em que, no fim dos tempos, "todas as coisas" que habitam os

novos céus e a nova terra estarão plenamente reconciliadas com Deus, sem qualquer remanescente rebelde.

Antes desse dia, no entanto, aqueles que se recusarem a ser reconciliados pelo sangue de Cristo serão lançados nas "trevas exteriores" (Mateus 8:12), e não farão parte dos novos céus e da nova terra. Eles estarão fora dessa realidade renovada, na escuridão, separados de Deus.

A reconciliação universal realizada em Cristo será consumada na consumação dos novos céu e terra. Isso ocorrerá quando a parte descrente da humanidade será separada e lançada no fogo eterno. A criação será restaurada em sua perfeição original, como Deus pretendia, e os novos céus e a nova terra serão o lar da justiça e da glória dos filhos de Deus. Já os seres demoníacos serão removidos da nova criação e condenados ao fogo eterno. Assim, em toda a criação, nada mais estará alienado de Deus ou sob Sua hostilidade — todas as coisas estarão plenamente reconciliadas com Ele. Não haverá nenhum vestígio de rebelião.

Outra razão para essa interpretação é a omissão de Paulo da expressão “debaixo da terra” ao falar sobre a reconciliação de todas as coisas “na terra e nos céus”. Em Filipenses 2:10, ele menciona “debaixo da terra”, mas em Colossenses 1:20 ele se limita a falar da terra e do céu. Isso pode indicar que, no novo Universo de Deus — a nova criação, onde o mal não terá mais lugar —, não haverá vestígios de rebelião. Aqueles que estão fora dessa realidade, na escuridão, não farão parte da nova criação. Eles estarão em uma dimensão separada, mas o novo céu e a nova terra serão purificados de qualquer resquício de oposição a Deus.

Portanto, a verdadeira reconciliação que Paulo descreve é futura e envolve uma total renovação do universo, sem a presença de rebeldes, sejam humanos ou espirituais.

Em outro sentido, a reconciliação de todas as coisas também se refere a porta aberta da salvação para todos sem exceção. Na carta de Pedro fala daqueles que renegaram "o Senhor que os resgatou" (2ª Pedro 2:1). O Novo Testamento afirma que Jesus é o Salvador de todos os homens, mas isso não significa que todos serão salvos. Em 1ª Timóteo 4:10, lemos: "pois temos posto a nossa esperança no Deus vivo, Salvador de todos os homens, especialmente dos fiéis". Isso significa que, embora a obra de Jesus na cruz seja suficiente para a salvação de todos, ela só se torna eficaz para aqueles que O aceitam como seu Salvador pessoal.

Em 2ª Pedro 2:1, quando fala sobre pessoas que renegam Jesus, aquele que "os resgatou", o entendimento é o mesmo de 1ª Timóteo 4:10. A salvação de Jesus está disponível a todos, mas se torna válida apenas para os que O aceitam. O contexto de 2ª Pedro 2:1 trata dos falsos mestres, seu comportamento e a punição justa que os aguarda. Essas pessoas, cujos corações estavam profundamente corrompidos pelo pecado, nunca passaram por uma verdadeira transformação e, portanto, não foram salvas.

Mas se torna claro uma grande verdade: na Sua obra de salvação, Cristo 'resgatou', 'salvou' e 'reconciliou todas as coisas', porém, apenas os fiéis, juntamente com o restante da criação incapaz, serão aqueles a usufruir desses benefícios. Quão grande é essa salvação!

Assim, no final das contas, justos e injustos, seres de todas as categorias e espécies e o Universo animado e inanimado confessarão que Jesus Cristo é o Senhor:

> "Para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai".
>
> - Filipenses 2:10-11

A minoria dos perdidos e a realidade do Juízo Final

> "Vi um grande trono branco e aquele que nele se assenta, de cuja presença fugiram a terra e o céu, e não se achou lugar para eles.
>
> Vi também os mortos, os grandes e os pequenos, postos em pé diante do trono. Então, se abriram livros. Ainda outro livro, o Livro da Vida, foi aberto. E os mortos foram julgados, segundo as suas obras, conforme o que se achava escrito nos livros.
>
> Deu o mar os mortos que nele estavam. A morte e o além entregaram os mortos que neles havia. E foram julgados, um por um, segundo as suas obras.
>
> Então, a morte e o inferno foram lançados para dentro do lago de fogo. Esta é a segunda morte, o lago de fogo.
>
> E, se alguém não foi achado inscrito no Livro da Vida, esse foi lançado para dentro do lago de fogo".
>
> - Apocalipse 20:11-15

Este texto de Apocalipse apenas fala no plural a respeito dos "mortos", dos "grandes e os pequenos" diante do trono. Em contrapartida, São João fala a respeito dos salvos como sendo uma grande multidão que ninguém podia enumerar:

> "Depois destas coisas, vi, e eis grande multidão que ninguém podia enumerar, de todas as nações, tribos, povos e línguas, em pé diante do trono e diante do Cordeiro, vestidos de vestiduras brancas, com palmas nas mãos; e clamavam em grande voz, dizendo: Ao nosso Deus, que se assenta no trono, e ao Cordeiro, pertence a salvação".
>
> - Apocalipse 7:9-10

O Dr. Marshall C. St. John escreveu um artigo intitulado *The Number of the Elect Includes the Majority of Mankind* (O Número dos

Eleitos Inclui a Maioria da Humanidade). Sobre Apocalipse 7:9-10 diz:

> "Repetidamente o Livro do Apocalipse se refere ao número de filhos de Deus como uma "grande multidão". Quão grande é essa multidão? O evangelicalismo atual diz que é na verdade uma porcentagem muito pequena da humanidade. Eu acredito que a Bíblia nos diz exatamente o oposto: que o número dos salvos será na verdade MUITO maior do que o número dos perdidos.
>
> Eu não acredito em "Universalismo". Essa é a doutrina de que todos no mundo irão para o Céu, todos sem exceção. A Bíblia diz-nos que há pessoas que serão perdidas para sempre. Por exemplo: Apocalipse 20:15 ..."Se o nome de alguém não foi achado escrito no livro da vida, foi lançado no lago de fogo." E Apocalipse 21:7-8 ... "Aquele que vencer herdará tudo isso, e eu serei seu Deus, e ele será meu filho. Mas os covardes, os incrédulos, os depravados, os assassinos, os sexualmente imorais, os que praticam artes mágicas, os idólatras e todos os mentirosos — o lugar deles será no lago de fogo que arde com enxofre." E há muitos outros versículos que concordam.
>
> Mas deixe-me mostrar a vocês da Bíblia que a maioria da raça humana deve ser salva. Existem oito razões bíblicas pelas quais a maioria da humanidade deve ser salva...".[11]

A partir do próximo Capítulo, apresentarei algumas das oito razões mencionadas pelo Dr. Marshall. Não incluirei todas as oito razões, pois já discuti algumas delas anteriormente.

[11] Artigo: The Number of the Elect Includes the Majority of Mankind. Autor: Dr. Marshall C. St. John. Site: https://www.puritanboard.com/threads/the-number-of-the-elect-outnumbers-the-number-of-the-lost.35721/ Acessado dia 05/01/2025

A Vitória Esmagadora de Cristo em Salvar

O episódio dos 12 espias enviados para Canaã, quando comparado à escolha dos 12 apóstolos para discipular as nações, revela como a vitória de Cristo no Novo Testamento é plena e esmagadora. Deus disse a Moisés:

> "Envia homens que espiem a terra de Canaã, que eu hei de dar aos filhos de Israel; de cada tribo de seus pais enviareis um homem, sendo cada qual príncipe entre eles".
>
> - Números 13:1

Para que Israel pudesse conquistar a Terra Prometida, Canaã, foi preciso, antes de tudo, enviar espiões para explorar a terra, entender os perigos e conhecer sua geografia. Esse momento da história de Israel tem um paralelo muito profundo nos tempos do Novo Testamento. Assim como Moisés escolheu doze espias para investigar Canaã, Jesus, sendo maior que Moisés, escolheu doze discípulos para levar Sua mensagem ao mundo inteiro – um mundo que, ao final de tudo, se transformará na Canaã Celestial, o Paraíso restaurado nesta Terra.

A diferença entre os doze espias e os doze apóstolos é uma prova clara de como a Igreja, com sua vitória, vai além do que Israel representou. Dos doze espias enviados por Moisés, dez caíram na incredulidade, duvidando das promessas de Deus:

> "Porém os homens que com ele tinham subido disseram: Não poderemos subir contra aquele povo, porque é mais forte do que nós.
>
> E, diante dos filhos de Israel, infamaram a terra que haviam espiado, dizendo: A terra pelo meio da qual passamos a espiar é

terra que devora os seus moradores; e todo o povo que vimos nela são homens de grande estatura.

Também vimos ali gigantes (os filhos de Anaque são descendentes de gigantes), e éramos, aos nossos próprios olhos, como gafanhotos e assim também o éramos aos seus olhos".

- Números 13:31-33

Dos doze discípulos que o Senhor Jesus escolheu, apenas um teve a incredulidade para não ir e conquistar o mundo:

"Replicou-lhes Jesus: Não vos escolhi eu em número de doze? Contudo, um de vós é diabo.

Referia-se ele a Judas, filho de Simão Iscariotes; porque era quem estava para traí-lo, sendo um dos doze".

- João 6:70-71

A Igreja começa com grande vitória. Apenas um dos doze apóstolos se afasta da missão. Eles, corajosos e destemidos, saem pelo mundo com a missão de levar as nações a Cristo. Mesmo enfrentando intensa perseguição por parte de Israel — que, na época, representava o novo Egito —, a Igreja alcança de tal forma os confins do Império Romano que Paulo, em sua carta aos Romanos, diz: "em todo o mundo é anunciada a vossa fé" (Romanos 1:8). Aos Colossenses, o apóstolo escreve que "a palavra da verdade do evangelho" já se espalhou por todo o mundo e está "frutificando" (Colossenses 1:5-6). Ele ainda afirma que o evangelho foi "pregado a toda criatura que há debaixo do céu" (Colossenses 1:23).

Os dez espias do Antigo Testamento, conhecidos pela falta de fé, também tinham uma memória curta. Eles se esqueceram dos sinais poderosos que Deus realizou no Egito e no deserto, apesar de tê-los presenciado pessoalmente (Números 14:22). Ao contrário deles, a Igreja é guiada pelo Consolador, o Espírito Santo, que não só ensina "todas as coisas", mas também faz com que os discípulos se lembrem de tudo o que Jesus lhes ensinou (João 14:26). Mesmo diante da

perseguição e de tribunais, quando os discípulos são presos, Jesus os orienta: "Não se preocupem sobre como ou o que irão falar, pois, naquela hora, será o Espírito do Pai quem falará por vocês" (Mateus 10:19-20).

Neste texto, a Igreja se apresenta não apenas como vitoriosa no início de sua jornada, mas também como uma comunidade sustentada pela presença e ação do Espírito Santo, sempre lembrando das promessas divinas e enfrentando os desafios com coragem e fé.

Os dez espias incrédulos eram o tipo de pessoas que se apegavam apenas ao presente, focados no "aqui e agora". Eles disseram que o povo de Canaã era "poderoso" (Números 13:28), como se isso fosse o fim da história. Já a Igreja, desde seus primeiros passos, sabia que Deus não apenas realizou maravilhas no passado, mas que tinha todo o poder do Universo ao seu lado, pronto para agir a qualquer momento.

> "Jesus, aproximando-se, falou-lhes, dizendo: Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra".
>
> - Mateus 28:18

A Igreja, portanto, não se foca nas impossibilidades, como os dez espias fizeram ao dizerem: "Não poderemos subir contra aquele povo" (Números 13:31). Ao contrário, ela confia plenamente em quem tem crido e, por isso, sabe que a vitória é certa (2ª Timóteo 1:12). A Igreja entende que, por meio de Jesus Cristo, é mais que vencedora (Romanos 8:37).

O grande problema dos dez espias foi que, apesar de estarem livres do Egito fisicamente, ainda carregavam o Egito dentro de si. Eles lamentaram: "Ah! Se morrêssemos na terra do Egito!" (Números 14:1-2). Já a Igreja, ao contrário, declara com firmeza:

> "Irmãos, quanto a mim, não julgo havê-lo alcançado; mas uma coisa faço: esquecendo-me das coisas que para trás ficam e avançando para as que diante de mim estão, prossigo para o alvo, para o prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus".
>
> - Filipenses 3:13-14

A Igreja é caracterizada pela fé que a sustenta, como está escrito:

> "Porque todo o que é nascido de Deus vence o mundo; e esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé".
>
> - 1ª João 5:4

Quando a Igreja vence o mundo, sua vitória é tão certa e garantida que ela cumpre o que está declarado no Salmo 22:27-31. As palavras desses Salmos nos asseguram que, por mais desafiadora que seja a jornada, a Igreja, por meio da sua fé, verá a realização das promessas de Deus. A Igreja está chamada a conquistar o mundo, a nova Canaã, e essa vitória é certa, pois ela é sustentada pela fé no Senhor.

No entanto, essa vitória não vem sem desafios. Em Números 14:10, vemos que a congregação dos filhos de Israel queria apedrejar Josué e Calebe, pois eles eram os únicos a confiar nas promessas de Deus. Isso reflete a realidade também vivida pela Igreja ao longo dos séculos, quando, no seu meio, há aqueles que não compartilham da mesma fé. Mesmo assim, a glória de Deus se manifesta para proteger os seus.

A Igreja sempre teve a certeza de que Deus a protegeria em meio às adversidades. Mesmo quando muitos duvidam do progresso do evangelho, Deus tem sustentado Sua obra, e os incrédulos que resistem a essa verdade não experimentarão as bênçãos de Deus, nem entrarão no Paraíso Restaurado.

A vitória do Evangelho é avassaladora, pois é capaz de salvar e restaurar as nações. E essa vitória nos dá ainda mais motivos para

crer que a maioria da humanidade será alcançada pela graça de Deus, sendo transformada e salva por meio de Cristo.

Capítulo 5
A maioria da humanidade deve ser salva porque...

A maioria da humanidade deve ser salva por causa da salvação de bebês que morrem na infância

Dr. Marshall escreveu:

> "Até tempos recentes, mais crianças morriam na infância do que viviam. Uma mãe frequentemente dava à luz oito filhos, e apenas três sobreviviam até a idade adulta. E mesmo nos tempos modernos, biólogos nos dizem que uma porcentagem muito grande de concepções nem sobrevivem além dos dois primeiros meses de gravidez. No entanto, essas crianças não nascidas são verdadeiros seres humanos e, quando morrem, vão para o céu para estar com o Senhor. Como sabemos que bebês e crianças que morrem vão direto para o céu?
>
> Primeiro, temos as palavras de nosso Salvador Jesus Cristo em Mateus 19:13-14...".[12]

O evangelho de Mateus diz:

[12] Idem nº 11.

> "Então, crianças pequenas foram trazidas a Jesus para que ele colocasse as mãos sobre elas e orasse por elas. Mas os discípulos repreenderam aqueles que os trouxeram.
>
> Jesus disse: "Deixem as crianças virem a mim, e não as impeçam, porque o reino dos céus pertence a tais".

E temos as palavras do rei Davi, que ele falou depois de saber da morte de seu filho pequeno em 2º Samuel 12:18-23:

"No sétimo dia, a criança morreu. Os servos de Davi estavam com medo de dizer a ele que a criança estava morta, pois pensavam: "Enquanto a criança ainda estava viva, falamos com Davi, mas ele não nos ouviu. Como podemos dizer a ele que a criança está morta? Ele pode fazer algo desesperado".

Davi percebeu que seus servos estavam sussurrando entre si e ele percebeu que a criança estava morta. "A criança está morta?" ele perguntou. "Sim", eles responderam, "ela está morta."

Então Davi se levantou do chão. Depois de se lavar, colocar loções e trocar de roupa, ele entrou na casa do SENHOR e adorou. Então ele foi para sua própria casa, e a seu pedido lhe serviram comida, e ele comeu.

Seus servos lhe perguntaram: "Por que você está agindo dessa maneira? Enquanto a criança estava viva, você jejuou e chorou, mas agora que a criança está morta, você se levanta e come!"

Ele respondeu: "Enquanto a criança ainda estava viva, eu jejuei e chorei. Eu pensei: 'Quem sabe? O SENHOR pode ser gracioso comigo e deixar a criança viver.'

Mas agora que ele está morto, por que eu deveria jejuar? Posso trazê-lo de volta? Eu irei até ele, mas ele não retornará para mim".

Dr. Marshall comenta:

> "Os cristãos ao longo dos séculos acreditaram que seus bebês/crianças vão para o Céu quando morrem, e eu acredito que a

Bíblia diz isso também. Então, já temos uma grande multidão de pessoas redimidas no Céu".[13]

A maioria da humanidade deve ser salva porque é da natureza de Deus salvar em vez de condenar[14]

Considere Jonas 3:10--4:2 e 4:10-11:

> "Quando Deus viu o que eles fizeram e como se afastaram de seus maus caminhos, ele teve compaixão e não trouxe sobre eles a destruição que havia ameaçado.
>
> Mas Jonas ficou muito desgostoso e ficou irado.
>
> Ele orou ao SENHOR: "Ó SENHOR, não foi isso que eu disse quando ainda estava em casa? É por isso que eu fui tão rápido em fugir para Társis. Eu sabia que você é um Deus gracioso e compassivo, lento para a ira e abundante em amor, um Deus que se arrepende de enviar calamidade.
>
> Mas o SENHOR disse: "Você se preocupou com esta videira, embora não a tenha cuidado ou feito crescer. Ela brotou durante a noite e morreu durante a noite.
>
> Mas Nínive tem mais de cento e vinte mil pessoas que não conseguem distinguir a mão direita da esquerda, e muitos rebanhos também. Não deveria eu me preocupar com aquela grande cidade?"

Considere o Salmo 103:8-14:

> "O SENHOR é compassivo e gracioso, lento para a ira, abundante em amor.
>
> Ele não acusará para sempre, nem abrigará sua ira para sempre; ele não nos trata como nossos pecados merecem, nem nos retribui de acordo com nossas iniquidades.

[13] Idem nº 11.
[14] Idem nº 11.

Pois tão alto quanto os céus estão acima da terra, assim é grande o seu amor por aqueles que o temem; tão longe quanto o oriente está do ocidente, assim ele removeu de nós as nossas transgressões.

Como um pai se compadece de seus filhos, assim o SENHOR se compadece daqueles que o temem; pois ele sabe como somos formados, ele se lembra de que somos pó".

A maioria da humanidade deve ser salva porque a salvação é pela FÉ, não pelo CONHECIMENTO ou OBRAS

Dr. Marshall escreveu:

"As pessoas não precisam fazer toneladas de boas obras (Legalismo) para serem salvas. Se fôssemos salvos por obras, certamente nenhum de nós jamais mereceria a salvação.

As pessoas não precisam ter muito conhecimento teológico para serem salvas. (Esta seria a antiga heresia do gnosticismo.) Considere a salvação de Abraão. O que Abraão SABIA sobre Deus? Abraão sabia sobre a Trindade? Ele sabia que a 2ª pessoa do Deus Trino morreria na cruz para pagar por seus pecados? Abraão sabia sobre predestinação, eleição, justificação, santificação e assim por diante? Como Abraão foi salvo? Ele tinha fé em Deus. (Gênesis 15:1-6)"[15]

Versículos citados:

"Depois disso, a palavra do SENHOR veio a Abrão em uma visão: "Não tenha medo, Abrão. Eu sou seu escudo, sua recompensa muito grande".

Mas Abrão disse: "Ó Soberano SENHOR, o que me podes dar, visto que continuo sem filhos e quem herdará a minha herança é Eliézer de Damasco?"

[15] Idem nº 11.

E Abrão disse: "Tu não me deste filhos; por isso um servo da minha casa será o meu herdeiro".

Então a palavra do SENHOR veio a ele: "Este homem não será teu herdeiro, mas um filho que sairá do teu próprio corpo será teu herdeiro".

Ele o levou para fora e disse: "Olhe para os céus e conte as estrelas — se é que podes contá-las". Então ele lhe disse: "Assim será a tua descendência".

Abrão creu no SENHOR, e ele lhe creditou isso como justiça".

"O homem que nasceu cego também é um exemplo para nós de uma pessoa que foi salva com muito pouco conhecimento, mas muita fé (João 9:13-38)".[16]

Versículos citados:

"Eles trouxeram aos fariseus o homem que tinha sido cego.

Ora, o dia em que Jesus fez lama e abriu os olhos do homem era um sábado.

Por isso, os fariseus também lhe perguntaram como ele havia recuperado a visão. "Ele colocou lama nos meus olhos", respondeu o homem, "e eu me lavei, e agora vejo".

Alguns dos fariseus disseram: "Este homem não é de Deus, pois não guarda o sábado". Mas outros perguntaram: "Como pode um pecador fazer tais sinais milagrosos?" Então eles estavam divididos.

Finalmente, voltaram-se novamente para o cego: "O que você tem a dizer sobre ele? Foram seus olhos que ele abriu". O homem respondeu: "Ele é um profeta".

Os judeus ainda não acreditavam que ele tinha sido cego e tinha recuperado a visão até que mandaram chamar os pais do homem.

"Este é seu filho?", perguntaram. "É este que você diz que nasceu cego? Como é que agora ele pode ver?"

"Sabemos que ele é nosso filho", responderam os pais, "e sabemos que ele nasceu cego.

[16] Idem nº 11.

Mas como ele pode ver agora, ou quem lhe abriu os olhos, não sabemos. Pergunte a ele. Ele é maior de idade; ele falará por si mesmo."

Seus pais disseram isso porque tinham medo dos judeus, pois os judeus já tinham decidido que qualquer um que reconhecesse que Jesus era o Cristo seria expulso da sinagoga.

Foi por isso que seus pais disseram: "Ele é maior de idade; pergunte a ele."

Uma segunda vez eles chamaram o homem que tinha sido cego. "Dê glória a Deus", disseram eles. "Sabemos que este homem é um pecador."

Ele respondeu: "Se ele é um pecador ou não, eu não sei. Uma coisa eu sei. Eu era cego, mas agora vejo!"

Então eles lhe perguntaram: "O que ele fez com você? Como ele abriu seus olhos?"

Ele respondeu:"Eu já vos disse e não ouvistes. Por que quereis ouvir outra vez? Quereis também vos tornar discípulos dele?"

Então eles o insultaram e disseram: "Você é discípulo deste sujeito! Nós somos discípulos de Moisés!

Sabemos que Deus falou a Moisés, mas quanto a este sujeito, nem sabemos de onde ele é."

O homem respondeu: "Agora, isso é extraordinário! Você não sabe de onde ele vem, mas ele abriu meus olhos.

Sabemos que Deus não ouve pecadores. Ele ouve o homem piedoso que faz a sua vontade.

Ninguém jamais ouviu falar de abrir os olhos de um homem que nasceu cego.

Se este homem não fosse de Deus, ele não poderia fazer nada."

A isso eles responderam: "Você nasceu mergulhado em pecado; como ousa nos dar sermão!" E eles o expulsaram.

Jesus ouviu que o tinham expulsado e, quando o encontrou, disse: "Você crê no Filho do Homem?"

"Quem é ele, senhor?", perguntou o homem. "Diga-me para que eu possa crer nele."

Jesus disse: "Agora você o viu; na verdade, ele é quem está falando com você."

Então o homem disse: "Senhor, eu creio", e o adorou".

A maioria da humanidade deve ser salva por causa das conversões no leito de morte

Nas páginas anteriores citei os casos do ladrão na cruz, Sodoma, Gomorra, antediluvianos e os Cananeus como exemplos de pessoas que tiveram oportunidade de se converterem no leito de morte.

Aqui o Dr. Marshall reforça:

> "O velho ditado é: "Não há ateus em trincheiras". Quando a morte está batendo à sua porta, você de repente vê as coisas sob uma luz diferente. É um fato bem conhecido que muitos presos aguardando execução admitem seus pecados e recebem Jesus como Salvador.
>
> O ladrão na cruz é a conversão mais famosa da Bíblia no "leito de morte". Nós o encontramos no Evangelho de Lucas, capítulo 23...".[17]

Marshall continua:

> "Pessoas que você menos esperaria que se tornassem cristãs, o fazem pouco antes de morrer: Karla Faye Tucker, executada há uma década no Texas; o cantor de reggae Bob Marley, levado a Cristo por uma enfermeira de hospital. Mortimer Adler, professor judeu da Universidade de Columbia, grande filósofo, editor dos famosos Grandes Livros do Mundo Ocidental, ex-pagão, tornou-se cristão na velhice. E muitos outros poderiam ser mencionados, que vieram a Cristo de todos os tipos de paganismo, ateísmo e religiões mundiais.

[17] Idem nº 11.

Quantas multidões em nossos hospitais pela América, ou em casa morrendo, estão finalmente falando com seu Criador, arrependendo-se de seus pecados e recebendo a Cristo? Muitas, eu acho. E não zombem das conversões no leito de morte. Deus trabalha de maneiras misteriosas".[18]

A maioria da humanidade deve ser salva porque Jesus é o Vencedor, não o Perdedor

Marshall diz:

"O que Jesus veio fazer neste mundo? O que a Bíblia diz?

"Aquele que pratica o pecado é do diabo, porque o diabo peca desde o princípio. A razão pela qual o Filho de Deus se manifestou foi para destruir as obras do diabo" (I João 3:8).

Qual foi a obra do diabo? A queda da humanidade. O que Jesus destruirá? A queda da humanidade.

"Porque Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para que condenasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele" (João 3:17).

O que Jesus salvará? Ele salvará O MUNDO. Agora, eu já disse que não acredito no UNIVERSALISMO. Algumas pessoas estarão perdidas. Mas a Bíblia retrata Jesus salvando o mundo.

Na literatura, há muitos recursos: símile, metáfora, etc. etc. Este é um exemplo de hipérbole. É um exagero, mas ainda é a verdade. É dizer TUDO, e não significar literalmente TUDO, mas ainda assim ser uma afirmação verdadeira. Usamos hipérbole o tempo todo. (Aquela afirmação era hipérbole!) Por exemplo:

[18] Idem nº 11.

"Todo mundo sabe que os preços da gasolina estão muito mais altos do que costumavam ser".

Isso não é LITERALMENTE verdade, mas é verdade. Deve haver algumas pessoas que não sabem nada sobre os preços da gasolina. Mas ainda é uma afirmação verdadeira. NÃO SERIA UMA AFIRMAÇÃO VERDADEIRA SE SOMENTE UMA MINORIA DAS PESSOAS SOUBESSE SOBRE O AUMENTO DOS PREÇOS DA GASOLINA.

A Bíblia usa o termo "mundo" ou "todos" ou termos semelhantes tantas vezes que devemos concluir que a maioria da humanidade deve ser salva. Aqui estão mais alguns exemplos:[19]

Versículos citados:

"Porque há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem, o qual se deu a si mesmo em resgate por todos os homens" (I Timóteo 2:5-6).

"Porque, assim como a morte veio por um homem, também por um homem veio a ressurreição dos mortos. Porque, assim como em Adão todos morrem, assim também em Cristo todos serão vivificados" (I Coríntios 15:21-22).

"Porque foi do agrado de Deus que nele habitasse toda a plenitude e que, havendo feito a paz pelo seu sangue derramado na cruz, por meio dele reconciliasse consigo mesmo todas as coisas, tanto as que estão na terra como as que estão nos céus" (Colossenses 1:19-20).

"Ele é a propiciação pelos nossos pecados, e não somente pelos nossos, mas também pelos de todo o mundo" (I João 2:2).

[19] Idem nº 11.

"Consequentemente, assim como de uma só transgressão veio a condenação sobre todos os homens, assim também o resultado de um só ato de justiça foi a justificação que dá vida a todos os homens" (Romanos 5:18)

Dr. Marshall continua:

"Jesus é TOTALMENTE VITORIOSO sobre Satanás (Colossenses 2:15)

"E, despojando os principados e as potestades, publicamente os expôs ao desprezo, triunfando deles na cruz". Agora, se apenas uma pequena porcentagem da humanidade fosse salva, como poderíamos falar de Jesus como tendo vitória?"[20]

A maioria da humanidade deve ser salva por causa da parábola do trigo e do joio

"Então, deixando a multidão, entrou em casa. Seus discípulos, aproximando-se dele, disseram: "Explica-nos a parábola do joio no campo".

Ele respondeu: "Aquele que semeou a boa semente é o Filho do Homem.

O campo é o mundo, e a boa semente representa os filhos do reino. O joio são os filhos do maligno, e o inimigo que o semeia é o diabo. A colheita é o fim dos tempos, e os ceifeiros são os anjos.

"Como o joio é arrancado e queimado no fogo, assim será no fim dos tempos.

O Filho do Homem enviará os seus anjos, e eles arrancarão do seu reino tudo o que causa pecado e todos os que praticam o mal.

Eles os lançarão na fornalha ardente, onde haverá choro e ranger de dentes.

[20] Idem nº 11.

Então os justos brilharão como o sol no reino de seu Pai. Aquele que tem ouvidos, ouça".

- Mateus 13:36-43

Dr. Marshall comenta:

> "Nota: O campo é O MUNDO. E em outro lugar Jesus nos diz para orar por trabalhadores, pois o campo está maduro para a colheita. Este não é um caso em que há um campo de ervas daninhas com algumas hastes de trigo espalhadas por todo o campo. Não, é um campo de trigo! São as ervas daninhas que são poucas, não o trigo. É um campo de trigo, não um campo de ervas daninhas!"[21]

A maioria da humanidade deve ser salva porque a porcentagem de cristãos e o número de nações cristãs está sempre aumentando[22]

Jesus ordenou a Seus seguidores que fizessem discípulos de todas as nações em Mateus 28:18-20:

> "Então Jesus veio até eles e disse: "Toda a autoridade no céu e na terra me foi dada.
>
> Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a tudo o que eu ordenei a vocês. E certamente eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos".

Marshall comenta:

[21] Idem nº 11.
[22] Idem nº 11.

"As profecias da Bíblia parecem dizer que o discipulado de todas as nações se tornará uma realidade. Todas as nações do mundo se tornarão nações cristãs".[23]

Versículos citados:

"Desde o ocidente, os homens temerão o nome do Senhor, e desde o nascente do sol, reverenciarão a sua glória" (Isaías 59:19).

"Levanta-te, resplandece, porque já vem a tua luz, e a glória do SENHOR nasce sobre ti. Eis que as trevas cobrem a terra, e a escuridão está sobre os povos, mas sobre ti o SENHOR nasce, e a sua glória aparece sobre ti. As nações caminharão à tua luz, e os reis ao resplendor da tua aurora" (Isaías 60:1-3).

"Assim como os novos céus e a nova terra que eu faço permanecerão diante de mim", declara o SENHOR, "assim permanecerão o teu nome e a tua descendência. De uma lua nova a outra, e de um sábado a outro, toda a humanidade virá e se prostrará diante de mim", diz o SENHOR" (Isaías 66:22-23).

"Eis o meu servo, a quem escolhi, a quem amo, em quem me comprazo; porei sobre ele o meu Espírito, e ele proclamará justiça às nações. Não contenderá, nem clamará; ninguém ouvirá a sua voz nas ruas. Uma cana quebrada ele não quebrará, e um pavio fumegante ele não apagará, até que ele leve a justiça à vitória. Em seu nome as nações colocarão sua esperança" (Mt. 12:18-21).

"Quem não temerá você, ó Senhor, e trará glória ao seu nome? Pois só você é santo. Todas as nações virão e adorarão diante de você, pois seus atos de justiça foram revelados" (Ap. 15:4).

"Eu não vi um templo na cidade, porque o Senhor Deus Todo-Poderoso e o Cordeiro são o seu templo. A cidade não precisa do sol ou da lua para brilhar sobre ela, pois a glória de Deus a ilumina,

[23] Idem nº 11.

e o Cordeiro é a sua lâmpada. As nações andarão à sua luz, e os reis da terra lhe trarão a sua glória" (Ap. 21:22-24).

Marshall comenta:

"Considere o crescimento do cristianismo em todo o mundo nos últimos 2000 anos. Começou com Jesus e os doze. Então, vários milhares foram salvos e adicionados à Igreja no Dia de Pentecostes. Pedro, Paulo e os outros apóstolos fundaram igrejas e escreveram o Novo Testamento. A Igreja cresceu ao longo dos séculos, e agora temos muitas nações que são consideradas cristãs. Um quarto do mundo afirma seguir Jesus Cristo.

Temos todos os motivos para acreditar que, à medida que o Evangelho for pregado, mais e mais pessoas virão a Cristo. Mais nações se tornarão nações cristãs. Uma porcentagem maior do mundo será cristã. Hoje, um quarto. Talvez em mil anos, metade. Talvez em mais 2000 anos, 90 por cento do mundo nomeará o nome de Cristo. Ainda não estamos em uma "era pós-cristã". Ainda estamos em uma "era pré-cristã" no que diz respeito ao mundo.

E quando as nações se tornarem nações cristãs, e quando a maioria das pessoas for cristã, e criarmos nossos filhos para amar Jesus Cristo, e quando as instituições da sociedade e do governo forem dirigidas por homens e mulheres cristãos, por quanto tempo tal estado continuará? Não sabemos. Até o fim dos tempos. E que porcentagem da raça humana será salva? Não sabemos, mas certamente será muito, muito grande!

E então concluo, junto com o Livro do Apocalipse, que o número dos salvos é uma multidão tão grande que nenhum homem pode contá-la. É uma grande multidão rugindo! É uma colheita incrível. É um monte de peixes quebrando a rede (para misturar metáforas!)"[24]

[24] Idem nº 11.

Capítulo 6
A limitação da Salvação pela religião

Neste capítulo, abordarei as diversas formas de limitação da salvação, seja pela ótica da eleição calvinista, que restringe a graça a um grupo eleito, ou pela perspectiva arminiana, que, ao enfatizar o livre-arbítrio, também impõe limitações à salvação humana. Além disso, exploraremos como grupos marginalizados dentro e fora do Cristianismo podem vivenciar essa restrição, frequentemente associada à crença de que o mal sempre predomina. Este capítulo visa refletir sobre essas barreiras teológicas e existenciais que moldam a compreensão da salvação.

A eleição Calvinista e sua limitação

A doutrina da eleição calvinista, que é uma parte fundamental da teologia reformada, tem sido objeto de discussões intensas, especialmente quando se trata da quantidade de salvos e perdidos, e a visão que ela propõe em relação ao destino eterno das almas.

No calvinismo, a eleição é entendida como uma escolha soberana de Deus, em que Ele escolhe quem será salvo (os eleitos) e quem será condenado (os réprobos). Essa escolha é feita antes da fundação do mundo e não é baseada em méritos ou ações humanas, mas sim na vontade divina e na graça imerecida. Essa concepção faz parte da

doutrina da predestinação, na qual se afirma que Deus predestina os indivíduos para a salvação ou condenação.

A doutrina calvinista da eleição impõe uma perspectiva rigorosa sobre o número de salvos. Segundo ela, o número de eleitos é limitado, e não há uma "oferta geral de salvação" para todos. A ideia central é que Deus escolhe um número específico de pessoas para a salvação, o que implica que a maioria da humanidade, ou seja, a grande maioria das pessoas, não será salva. Esta ideia é enfatizada pela frase frequentemente associada a certos aspectos do calvinismo: "muitos são chamados, mas poucos escolhidos", referindo-se ao ensinamento de Jesus em Mateus 22:14.

A lógica que poderia sugerir que o número de perdidos (não-eleitos) será maior do que o número de salvos está profundamente enraizada nesta concepção de eleição limitada. Para os calvinistas, a salvação é um ato soberano de Deus que não depende da decisão ou ação do ser humano. Se, portanto, a salvação é um dom que Deus concede a um número predeterminado de pessoas, isso implica que a imensa maioria da humanidade está excluída dessa graça. Isso leva à conclusão de que, em termos absolutos, o número de perdidos será maior que o número de salvos.

Em textos como a parábola do grão de mostarda e a porta estreita (Mateus 7:13-14), é enfatizado que a salvação será acessível a poucos, uma ideia que é ampliada na visão calvinista da predestinação. A Escritura parece indicar que, embora a obra de Cristo tenha sido suficiente para a salvação de todos, a aplicação dessa salvação é restrita àqueles que foram escolhidos por Deus, não a todos os seres humanos.

Porém, um ponto importante a se considerar é que, embora a teologia calvinista sustente uma eleição limitada, ela também enfatiza que esse ato de escolha divina é justo e bom, pois Deus é soberano em suas decisões. Para os calvinistas, não há injustiça na condenação

dos réprobos, pois a eleição não é baseada em méritos, e todos os seres humanos, devido ao pecado original, mereciam a condenação. A salvação, portanto, é um ato de misericórdia imerecida para aqueles que são escolhidos, e o restante da humanidade recebe o que, de acordo com a teologia calvinista, é o justo castigo por sua rebelião contra Deus.

Em resumo, a limitação da eleição calvinista implica, de fato, que o número de salvos será pequeno comparado ao número de perdidos, dado que a escolha divina é feita de forma soberana e incondicional. A doutrina da predestinação, com sua ênfase na eleição restrita, leva à conclusão de que, por mais que a obra de Cristo seja eficaz, o número dos que serão salvos é definido antes da fundação do mundo e não envolve uma oferta universal de salvação para todos os seres humanos. Isso gera uma visão de que a grande maioria da humanidade estará condenada, uma perspectiva que é desafiadora tanto para os calvinistas quanto para os cristãos em geral.

Embora os calvinistas possuam essa visão, um número significativo de teólogos calvinistas acredita que, quando chegar o tempo das nações se converterem, toda a humanidade será convertida ao Senhor. Nesse caso, trata-se de teólogos calvinistas pós-milenistas, e não amilenistas que são mais pessimistas em relação ao futuro.

O livre-arbítrio Arminiano e sua limitação

O livre-arbítrio arminiano, dentro do contexto da teologia cristã, propõe que os seres humanos possuem a capacidade de escolher entre aceitar ou rejeitar a graça Divina, sendo esta escolha fundamental para a salvação ou condenação. Ao contrário da visão calvinista, que enfatiza a predestinação e a soberania absoluta de Deus sobre a salvação, o Arminianismo coloca o ser humano como

agente livre, capaz de decidir seu destino eterno com base na oferta de graça feita por Deus. Entretanto, essa visão do livre-arbítrio arminiano também carrega consigo algumas implicações teológicas que podem levar à conclusão de que a maioria da humanidade será perdida.

No Arminianismo, o livre-arbítrio não é absoluto, mas limitado pela condição humana pós-queda. O pecado original, que afetou toda a humanidade, corrompeu a natureza humana de tal forma que, sem a intervenção da graça preveniente (a graça de Deus que capacita os indivíduos a escolherem a salvação), o ser humano seria incapaz de buscar a Deus por si mesmo. Embora os arminianos acreditem que a graça de Deus é oferecida a todos, a livre escolha de aceitar ou rejeitar essa graça recai sobre a pessoa. Isso implica que a salvação depende da decisão do indivíduo, e essa capacidade de escolha é vista como um dom divino, sem a qual ninguém poderia se salvar.

Contudo, o conceito de graça preveniente no Arminianismo não garante a salvação universal, pois, embora ela esteja disponível para todos, nem todos a aceitarão. O livre-arbítrio concede a possibilidade de rejeitar a graça de Deus, e, segundo a teologia arminiana, isso é uma consequência direta do livre-arbítrio dado por Deus à humanidade.

A limitação do livre-arbítrio arminiano, ao implicar que a escolha individual seja essencial para a salvação, pode levar à conclusão de que a maioria da humanidade será perdida. Isso ocorre porque, ao considerar que as pessoas possuem a capacidade de rejeitar a graça de Deus, muitos podem não optar por aceitá-la. Em uma perspectiva arminiana, a salvação é uma oferta universal, mas a responsabilidade de aceitá-la recai sobre a vontade humana. Dessa maneira, é possível argumentar que, diante da resistência da humanidade ao chamado divino, a maioria das pessoas, por sua própria escolha, acabará se afastando da salvação.

Ao observar as Escrituras, muitos arminianos se deparam com passagens que falam de uma "porta estreita" e um "caminho apertado" para a salvação (Mateus 7:13-14), o que reforça a ideia de que, mesmo com a graça de Deus sendo oferecida a todos, poucos escolherão seguir o caminho da salvação. A realidade do pecado, as influências do mundo e a resistência humana ao Espírito Santo contribuem para que muitas pessoas rejeitem a graça e, consequentemente, percam a oportunidade de se reconciliar com Deus.

Portanto, embora o livre-arbítrio arminiano valorize a liberdade de escolha do ser humano, essa mesma liberdade cria um cenário no qual a rejeição da graça se torna uma possibilidade real e, na visão de muitos arminianos, uma realidade trágica. Ao enfatizar a responsabilidade humana na escolha entre a salvação e a condenação, o Arminianismo reconhece a seriedade da decisão individual e sugere que, dada a tendência humana para o pecado e a dureza do coração, a maioria das pessoas, infelizmente, escolherá rejeitar a oferta de graça divina.

O livre-arbítrio, conforme exposto no Arminianismo, coloca uma grande responsabilidade sobre os indivíduos, ao mesmo tempo em que reconhece que a natureza humana pós-queda está inclinada a rejeitar o chamado divino. Embora a graça de Deus seja oferecida a todos, o fato de que a aceitação ou rejeição dessa graça dependa do livre-arbítrio humano implica que muitos, em sua liberdade, farão a escolha de não aceitar a salvação. Essa perspectiva pode levar à triste conclusão de que, de acordo com a teologia arminiana, a maioria da humanidade acabará sendo perdida, não por uma predestinação divina, mas por sua própria decisão de rejeitar a graça oferecida por Deus.

A Visão Escatológica e o Pessimismo

Para complicar ainda mais esse cenário, muitos arminianos adotam uma perspectiva escatológica pessimista em relação ao futuro da humanidade. A visão escatológica de um arminiano, geralmente, é de que o futuro da Igreja e da humanidade é incerto e, em muitos casos, sombrio. Em termos de Escatologia bíblica, a expectativa de um grande número de salvos contrasta com a realidade de que muitos, apesar da graça oferecida, não aceitarão a salvação. Esse pessimismo escatológico se manifesta em diversas formas, especialmente nas interpretações apocalípticas que, para muitos arminianos, indicam que a grande maioria da humanidade será perdida no final dos tempos.

As Escrituras, em passagens como Apocalipse 20:15, que fala do Juízo Final e da separação dos justos dos ímpios, são vistas como uma confirmação de que, apesar dos esforços missionários e da oferta universal da graça, muitos não responderão positivamente ao chamado de Deus. Essa perspectiva é ainda reforçada pela visão de que, nos últimos tempos, o mundo se tornará cada vez mais hostil à fé cristã. A crescente secularização, a diminuição da fé verdadeira e a ascensão de movimentos que desafiam a autoridade de Deus são frequentemente interpretadas como sinais de que o fim está próximo, e que a maioria da humanidade continuará a rejeitar a salvação, resultando em um destino de condenação.

Esse pessimismo escatológico é muitas vezes alimentado pela observação das tendências atuais na sociedade. O aumento do pluralismo religioso, do materialismo e da indiferença espiritual levam muitos arminianos a concluir que as chances de uma grande colheita espiritual no futuro são pequenas. A crença na decadência moral e na crescente rejeição dos valores cristãos contribui para a percepção de que o mundo, em sua grande maioria, está se afastando de Deus.

Limitação da Salvação em grupos marginais ao Cristianismo

O conceito de salvação dentro do Cristianismo é um tema amplamente debatido, com diferentes interpretações e crenças de acordo com a tradição e as doutrinas de cada grupo. No caso das Testemunhas de Jeová e dos Adventistas do Sétimo Dia, duas denominações que possuem uma abordagem distinta em relação à salvação, há uma ênfase na ideia de que a salvação é limitada e destinada a um número restrito de indivíduos, o que as coloca em uma linha de continuidade com muitas correntes cristãs tradicionais que também acreditam que poucos serão salvos.

As Testemunhas de Jeová acreditam que apenas 144.000 pessoas serão salvas e que essas pessoas formam uma classe especial, chamada de "ungidos", que terão uma posição especial no Reino de Deus. Para elas, a salvação está restrita a esse remanescente, enquanto o restante da humanidade, por mais que receba alguma forma de salvação, não terá acesso à vida eterna no céu, mas viverá em um paraíso terrestre, em harmonia com as leis divinas. Esse número de 144.000 é interpretado literalmente, conforme a visão apocalíptica presente no livro de Apocalipse, e é visto como uma quantidade limitada e especial de pessoas que receberão um tipo distinto de recompensa celestial. Para as Testemunhas de Jeová, a salvação, portanto, está reservada para uma minoria.

Já os Adventistas do Sétimo Dia também adotam uma perspectiva de salvação limitada, embora com nuances diferentes. Eles acreditam que, enquanto todos os justos serão salvos, apenas um número pequeno será salvo para a vida eterna, enquanto muitos outros, após a Segunda Vinda de Cristo, serão condenados. Os Adventistas enfatizam a necessidade de um estilo de vida fiel, baseado no

cumprimento dos mandamentos, incluindo a guarda do Sábado, e a aceitação da obra de Cristo. O remanescente, para os Adventistas, é um grupo de fiéis que mantêm a verdade e obedecem a Deus até o fim, sendo preservados da destruição final. Para esse grupo, a salvação não é automática, mas depende de uma fidelidade pessoal à mensagem adventista e à volta de Cristo, com a crença na necessidade de um "povo remanescente" que será salvo.

Apesar das diferenças nas especificidades de cada grupo, há um ponto comum entre as Testemunhas de Jeová e os Adventistas do Sétimo Dia: a ideia de que a salvação está restrita a um número limitado de pessoas, um "remanescente" fiel. Esse conceito não é exclusivo dessas denominações, mas reflete uma tendência mais ampla dentro do Cristianismo, em que muitas tradições afirmam que a grande maioria da humanidade não será salva. Essa crença tem suas raízes em diversas passagens bíblicas que falam sobre o "pequeno rebanho" ou a "porta estreita", interpretadas por muitos como indicativos de que poucos alcançarão a salvação eterna.

Portanto, tanto as Testemunhas de Jeová quanto os Adventistas do Sétimo Dia, com suas visões de um remanescente salvo, seguem uma linha de pensamento que, de certo modo, se alinha com a visão de muitas tradições cristãs que reconhecem que a salvação será um privilégio de poucos. Apesar das diferenças teológicas, o conceito de que a salvação é algo restrito e reservado para um grupo fiel continua a ser uma característica comum entre esses grupos e a maioria das correntes cristãs.

A tendência de achar que o mal sempre está prevalecendo

A tendência de acreditar que o mal sempre prevalece e que a maioria da humanidade está condenada reflete uma visão pessimista

sobre a salvação. Ao olhar para o mundo e seus problemas — guerras, desigualdades e injustiças — muitas pessoas veem o mal como uma força dominante, o que as leva a pensar que a salvação é limitada a um número restrito de pessoas. Essa visão é comum em algumas tradições cristãs, que interpretam o presente como uma era de decadência espiritual e moral, preparando o cenário para um futuro apocalíptico em que poucos alcançarão a salvação.

Esse pessimismo escatológico está ligado à crença de que, ao longo da história, a salvação sempre foi para uma minoria. Passagens bíblicas como a "porta estreita" e o "pequeno rebanho" são usadas para reforçar a ideia de que apenas os justos, uma pequena porção da humanidade, serão salvos, enquanto a maioria será condenada. Grupos como as Testemunhas de Jeová e os Adventistas do Sétimo Dia seguem essa linha, afirmando que a salvação é para um "remanescente fiel", enquanto os demais estarão perdidos.

Apesar dessa visão pessimista, nem todos os cristãos compartilham dessa interpretação. Muitos acreditam que a salvação é mais inclusiva, enfatizando que, embora o mal seja real, a graça de Deus está disponível a um número maior de pessoas do que essa visão limitada sugere. Assim, o pessimismo escatológico pode obscurecer a esperança de um futuro redentor, mas também reflete uma luta constante entre as forças do bem e do mal.

Haverá uma Grande Apostasia Final?

> "Quando, porém, se completarem os mil anos, Satanás será solto da sua prisão e sairá a seduzir as nações que há nos quatro cantos da terra, Gogue e Magogue, a fim de reuni-las para a peleja. O número dessas é como a areia do mar.

> Marcharam, então, pela superfície da terra e sitiaram o acampamento dos santos e a cidade querida; desceu, porém, fogo do céu e os consumiu".
>
> - Apocalipse 20:7-9

Como um pós-milenista,[25] acredito que o Reino de Deus acabará dominando todas as nações conforme já vimos no livro de Isaías e nos Salmos. No entanto, é justamente com base nesse texto de Apocalipse que muitos argumentam que haverá uma apostasia final, onde as nações se rebelarão contra o Senhor. O fato de o texto se referir ao número dessas nações como sendo "como a areia do mar" leva alguns a crer que o número de não convertidos será muitíssimo alto por causa de uma grande apostasia.

Por isto, alguns creem que no final da era presente, ou seja, após o Reino de Cristo ter se expandido de forma visível e poderosamente por todo o mundo, pouco antes do retorno de Cristo, haverá um breve período marcado pelo aumento da atividade satânica e pela apostasia. Essa última rebelião será derrotada pelo glorioso retorno de Jesus Cristo a Terra, momento que dará início à ressurreição dos mortos, ao julgamento final e à entrada no Estado Eterno.

Um articulista crítico do Pós-milenismo escreveu:

> "Quebrando o sonho pós-milenar e destruindo o otimismo pós-milenar está Apocalipse 20:7-9. A história desta era chega ao seu fim com a libertação de Satanás. A corrente é destrancada. A porta da prisão é aberta. Do abismo ele vem. Agora ele pode realizar seu desejo ardente e propósito maligno: enganar todas as nações da

[25] O **Pós-milenismo** é uma crença cristã que afirma que, antes da segunda vinda de Cristo, haverá um período de paz e justiça no mundo, no qual o evangelho será amplamente disseminado e a sociedade experimentará uma grande transformação positiva. Esse período é visto como sendo simbólico ou literal de mil anos, após o qual Cristo retornará para estabelecer o juízo final. Os pós-milenistas acreditam que o triunfo do cristianismo e da moralidade ocorrerá gradualmente ao longo da história.

> terra para que elas se unam como o reino mundial da besta, o Anticristo.
>
> [...]
>
> A esperança da igreja, portanto, não é um futuro reino terreno pós-milenar.
>
> Apocalipse 20:7-9 expõe essa esperança como falsa. Selbrede está certo quando diz que "seria difícil imaginar uma arma mais potente contra o pós-milenismo do que a 'doutrina' da apostasia final."[2] A "arma potente" é a Sagrada Escritura, vigorosamente empunhada pelo amilenismo reformado".[26]

O que nos leva a refletir sobre a falha na interpretação do Pós-milenismo em relação a Apocalipse 20:7-10 é a expressão usada para descrever a grande quantidade de apóstatas: "o número dessas [nações] é como a areia do mar". Para os adeptos da interpretação pós-milenista, que acreditam em uma era de paz e prosperidade antes da volta de Cristo, essa passagem pode parecer uma demonstração de um número incontável de pessoas, sinalizando uma derrota das forças do mal no final da história. No entanto, a forma como o autor de Apocalipse utiliza essa imagem revela uma complexidade que vai além de qualquer interpretação simplista.

Vale ressaltar que o livro de Apocalipse é uma das obras mais bíblicas da Bíblia, no sentido de que contém inúmeras referências e alusões ao Antigo Testamento. Isso é particularmente importante quando tentamos entender a expressão "como a areia do mar". No Antigo Testamento, essa mesma imagem é frequentemente usada, mas em um contexto diferente: em vez de descrever grandes multidões, ela se refere muitas vezes a pequenos grupos ou até

[26] Artigo: A Mortal Blow to Postmillennialism. Site: https://sb.rfpa.org/chapter-four-postmillennialism-7-the-postmillennial-interpretation-of-revelation-20-cont/ Acessado dia 06/01/2025

mesmo a uma quantidade limitada de inimigos, como no caso dos filisteus. Essa utilização nos convida a reconsiderar o que realmente está sendo descrito em Apocalipse 20:7-9.

Por exemplo, em diversas passagens do Antigo Testamento, vemos que a metáfora da areia do mar é aplicada a inimigos ou povos que, à primeira vista, poderiam parecer numerosos, mas são, na realidade, uma minoria ou um remanescente. Um exemplo disso está em Juízes 7:12, onde, ao descrever o exército dos midianitas, a Bíblia diz:

> "O acampamento dos midianitas estava abaixo, no vale, e o número deles era como a areia do mar em grande quantidade".

Apesar dessa expressão, sabemos que os midianitas foram derrotados de maneira impressionante por Gideão, um pequeno grupo de israelitas, o que revela que a expressão pode, na verdade, indicar a ideia de algo grande em aparência, mas não necessariamente em substância.

Além disso, em 1º Samuel 13:5, lemos:

> "Os filisteus se ajuntaram para combater a Israel, com um número como a areia que está na praia, e subiram em massa".

Novamente, a descrição é de um grande número de inimigos, mas os filisteus, apesar de parecerem formidáveis, foram derrotados em batalhas-chave. Este uso da metáfora da areia do mar, portanto, não implica em uma vitória esmagadora dos inimigos, mas sim pode sugerir uma grande ameaça que será, eventualmente, neutralizada.

Outro exemplo pode ser encontrado em Gênesis 22:17, quando Deus promete a Abraão que sua descendência seria "como as estrelas do céu e como a areia que está na praia". Nesse caso, a areia é um símbolo de bênçãos e frutos de obediência, mas, quando comparada com a metáfora em Apocalipse 20, vemos que a "areia do mar"

muitas vezes transmite a ideia de um número que parece enorme, mas na verdade pode ser menos substancial do que aparenta. No caso da descendência de Abraão há outros textos que não usam essa metáfora, mas mostram claramente as multidões serão incontáveis e literalmente extremas de convertidos.

Portanto, ao analisar a frase "como a areia do mar" em Apocalipse 20:7-9, é possível que ela não esteja se referindo a uma multidão imensa e invencível, como seria a suposição inicial em uma interpretação pós-milenista, mas sim a um número significativo de adversários que, embora numerosos em aparência, serão derrotados ou levados à sua justa condenação. Esse uso do símbolo de "areia do mar" pode, na verdade, ser uma indicação de que, apesar de parecerem muitos, os inimigos de Deus não têm a verdadeira força para prevalecer no fim dos tempos.

Esses versículos do Antigo Testamento indicam que a metáfora da areia do mar é frequentemente empregada em contextos que falam de grandezas aparentes ou de inimigos que, apesar de sua quantidade, são limitados e, eventualmente, vencidos. Portanto, a interpretação que muitos fazem de Apocalipse 20:7-9 como uma grande vitória do Reino para uma quantidade imensa de apóstatas pode não ser compatível com o uso tradicional dessa metáfora na Escritura.

Por outro lado, se diz que os exércitos de Satanás "se espalharam pelo mundo e cercaram o acampamento do povo de Deus e a cidade que ele ama". Ora, a Nova Jerusalém que é o próprio povo de Deus, que será maioria esmagadora no mundo conforme vimos nas profecias, é cercada por inimigos e, portanto, necessariamente esses inimigos devem ser muito poucos em vista da quantidade de santos existentes na Terra.

Há também a interpretação de que esses exércitos de Satanás não seriam seres humanos apóstatas, mas seriam os demônios ou anjos caídos que junto a Satanás tentariam destruir o Reino de Deus.

Outros sugerem que seriam os ímpios ressuscitados que se uniriam em oposição aos santos no último dia.

É importante também lembrar que o período áureo, em que as nações aprenderão a paz e não mais a guerra (Isaías 2:2-4), se estenderá por um longo tempo. O Salmo 22:27 declara que haverá um momento em que "todos os confins da terra se lembrarão do Senhor e a Ele se converterão; diante d'Ele se prostrarão todas as famílias das nações". Após esse tempo, "a posteridade O servirá; falar-se-á do Senhor à geração vindoura. Eles anunciarão a Sua justiça ao povo que há de nascer, e contarão que foi Ele quem o fez" (versos 28-31).

Esses versículos deixam claro que, após a conversão de todas as nações, haverá muitas gerações futuras de fiéis ao longo de um extenso período. Isso implica que, ao se aproximar da Segunda Vinda de Cristo, a maioria da humanidade estará em um processo contínuo de conversão ao Senhor. Somente uma pequena minoria, comparável hiperbolicamente aos grãos de areia da praia, se rebelará no final.

Cabe ainda lembrar que o livro de Apocalipse é notoriamente simbólico, utilizando metáforas e hipérboles. O literalismo aplicado a Apocalipse 20:7-9, por exemplo, pode gerar um conflito com a visão do acampamento dos santos, da Nova Jerusalém e dos apóstatas, que são descritos em número tão grande quanto os grãos de areia da praia; mas os convertidos serão também tão grandes em número ao ponto de serem incontáveis.

Capítulo 7
Salvação para Todos!

A promessa feita a Abraão em Gênesis 12:3, de que nele seriam abençoadas todas as famílias da terra, é uma mensagem de salvação universal. Deus promete que através de Abraão, a bênção alcançaria todas as nações, não apenas os descendentes diretos de Abraão, mas também os gentios.

Em Gênesis 12:3, está escrito:

> "Abençoarei os que te abençoarem, e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem; em ti serão benditas todas as famílias da terra".
>
> - Gênesis 12:3

Em Gálatas 3:8, o apóstolo Paulo afirma que esta promessa se cumpre em Cristo:

> "Ora, a Escritura, prevendo que Deus justificaria os gentios pela fé, anunciou o evangelho a Abraão, dizendo: Em ti serão benditas todas as nações".
>
> - Gálatas 3:8

A promessa é vista como a base para a bênção do Evangelho que alcança todas as pessoas, independentemente de sua origem.

A questão de que o verdadeiro descendente de Abraão não é segundo a carne, mas segundo o espírito, é um tema importante nas Escrituras, especialmente em Gálatas. Paulo, em Gálatas 3, ensina que

a verdadeira descendência de Abraão não se dá através da linhagem biológica, mas por meio da fé em Cristo. Ele explica que, em Cristo, todos os que creem são herdeiros das promessas feitas a Abraão (Gálatas 3:7-9). Esses versos revelam que os "filhos de Abraão" são, na verdade, aqueles que têm fé, sejam judeus ou gentios. Ou seja, a descendência verdadeira de Abraão é espiritual, não física. Isso destaca que, através da fé em Cristo, todos os crentes se tornam descendentes espirituais de Abraão, participando das bênçãos prometidas a ele.

Paulo também fala sobre a questão da salvação de Israel, fazendo uma analogia com a ideia de um "remanescente". Embora Israel tenha sido o povo escolhido para cumprir os propósitos de Deus, nem todo Israel seria salvo, apenas um remanescente fiel. Em Romanos 9:27, Paulo cita o profeta Isaías, dizendo:

> "Isaías clama a respeito de Israel: Ainda que o número dos filhos de Israel seja como a areia do mar, somente o remanescente será salvo".

Esta ideia de um "remanescente" reflete a realidade de que, entre os descendentes biológicos de Abraão, apenas aqueles que realmente creem em Deus e seguem Sua vontade seriam salvos. O restante, apesar de ser parte da nação de Israel, não teria acesso à salvação.

No entanto, na Igreja, esse conceito de "remanescente" não se aplica da mesma forma. A Igreja não é limitada a um grupo étnico ou a uma linhagem específica. Todos aqueles que têm fé em Cristo, judeus ou gentios, são igualmente filhos de Abraão e herdeiros das promessas. Não há uma divisão entre os "remanescentes" e os outros, pois todos os que são "da fé" são igualmente filhos de Deus.

Gálatas 3:28-29 reforça essa ideia de que, na Igreja, não há distinção entre pessoas baseadas em sua origem étnica, status social ou gênero. Esses versículos mostram que a salvação é aberta a todos,

independentemente da origem ou condição, desde que estejam em Cristo. Assim, a verdadeira descendência de Abraão é definida pela fé em Cristo, e não pela carne ou etnia.

Em resumo, o verdadeiro descendente de Abraão é aquele que, pela fé, se torna parte do corpo de Cristo, independentemente de sua origem. A Igreja, ao contrário de Israel, não tem essa distinção de "remanescente", pois todos os crentes, sejam de origem judaica ou gentia, são igualmente parte das promessas de Deus. E é essa descendência espiritual de Abraão que dominará o mundo sendo maioria.

Conclusão
A Maioria Esmagadora da Humanidade Será Salva!

> "Isto é bom e aceitável perante Deus, nosso Salvador, que deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade".
>
> - 1ª Timóteo 2:3-4

O desejo de Deus de ser conhecido por toda a Terra está expresso em dois textos do Antigo Testamento:

> "Seja Deus gracioso para conosco, e nos abençoe, e faça resplandecer sobre nós o rosto; para que se conheça na terra o teu caminho e, em todas as nações, a tua salvação.
> Louvem-te os povos, ó Deus; louvem-te os povos todos.
> Alegrem-se e exultem as gentes, pois julgas os povos com equidade e guias na terra as nações.
> Louvem-te os povos, ó Deus; louvem-te os povos todos.
> A terra deu o seu fruto, e Deus, o nosso Deus, nos abençoa.
> Abençoe-nos Deus, e todos os confins da terra o temerão".
>
> - Salmo 67:1-7

> "Olhai para mim e sede salvos, vós, todos os limites da terra; porque eu sou Deus, e não há outro".
>
> - Isaías 45:22

> "Pois a terra se encherá do conhecimento da glória do Senhor, como as águas cobrem o mar".
>
> - Habacuque 2:14

Do ponto de vista preterista parcial e pós-milenista, a vitória de Cristo sobre o pecado e a morte, descrita em 1ª Coríntios 15:24-28, é entendida como um processo já iniciado, mas ainda em desenvolvimento, com um alcance que se estende até o presente e se consumará plenamente no futuro. Em Atos 3:20-21 vemos essa questão, mostrando que Cristo fica contido no Céu até a restauração de tudo. Ele não volta sem terminar esse processo de restauração.

A partir dessa perspectiva, a vitória de Cristo não foi limitada a um evento isolado, mas sim a uma conquista progressiva que se reflete na expansão do Reino de Deus, a qual começou com Sua ressurreição e continuará até o momento em que Ele submeterá todas as coisas ao Seu domínio.

No Preterismo Parcial, acredita-se que, embora Cristo já tenha iniciado Seu reinado, a consumação total, quando Ele será "tudo em todos" (1 Coríntios 15:28), ocorrerá após o fim do ciclo histórico atual. Esse entendimento destaca que a plenitude da redenção se realizará quando a soberania de Cristo for completamente estabelecida, e todos os inimigos de Deus serão derrotados, incluindo a morte e o pecado, de maneira definitiva.

Neste contexto, a vitória de Cristo não é apenas uma realidade espiritual, mas um fato histórico progressivo que reflete o avanço do Reino de Deus na terra e a transformação de todas as coisas sob Sua autoridade.

O que vimos até aqui é que as Escrituras Sagradas são claras ao afirmar que Cristo é o vencedor e veio para destruir as obras do diabo, sendo infinitamente superior ao primeiro Adão, que sucumbiu na Queda. Diante dos fatos apresentados, não há dúvida de que a maioria da humanidade será salva. Pessoalmente, acredito que esse número ultrapassa os 90%. Deus é Amor, e como o amor é mais forte que a morte (Cânticos 8:6-7), creio que é inevitável que a maioria se alinhará com Deus. Embora, em determinadas

circunstâncias, isso não pareça evidente, a história é cheia de mistérios, e nem todos aqueles que não estão em nossas fileiras religiosas estarão perdidos eternamente. As surpresas serão imensas. É importante lembrar que quando afirmamos que a maioria será salva, estamos incluindo todos, desde o primeiro casal até o último ser humano que nascerá, no momento em que o número dos eleitos se completar (João 6:39). Tanto os calvinistas como os arminianistas entenderam esse versículo para ensinar que Deus conhece todos os que são seus: "…o Senhor conhece os que são dele" (2ª Timóteo 2:19). Todos eles. Cada um em todo mundo e em todas as épocas. Então, o Senhor sabe o número exato dos salvos, mas apenas nos mostrou que é uma multidão que não se pode o contar.

Finalizo este e-book com as sábias palavras do Dr. W. G. T. Shedd e do teólogo Loraine Boettner. Shedd escreveu:

> "O círculo da eleição de Deus", diz o Dr. W. G. T. Shedd, "é o grande círculo dos céus, e não o de uma esteira penal. O reino de Satanás é insignificante em contraste com o reino de Cristo. No imenso alcance do domínio de Deus, o bem é a regra, e o mal é a exceção. O pecado é um cisco sobre o céu azul da eternidade; uma pequena mancha no sol. O inferno é apenas um canto em meio ao universo".[27]

Na sequência do texto acima, Loraine Boettner conclui:

> "Julgando a partir destas declarações, a conclusão que chegaríamos, se ousarmos conjecturar, é que a proporção entre o número dos que são salvos e o dos condenados, ao fim, será semelhante a do número de cidadãos livres em nossa nação em relação ao número dos que estão em prisões e penitenciárias; ou que a companhia dos salvos poderia ser comparada ao caule da árvore, que cresce e floresce, enquanto os perdidos são apenas os

[27] W. G. T. Shedd, The Doctrine of Endless Punishment, pp. 74, 99, Monergism.com Apud Loraine Boettner, *PÓS-MILENISMO*, p. 56. Versão eletrônica em PDF.

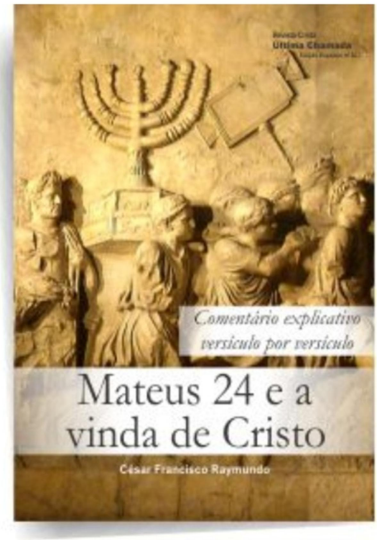
pequenos galhos e ramos a serem podados, que são cortados para serem destruídos nas fogueiras. Este é o prospecto que o pósmilenismo é capaz de oferecer. Quem entre os que defendem os outros sistemas não desejaria que isso fosse verdade?"[28]

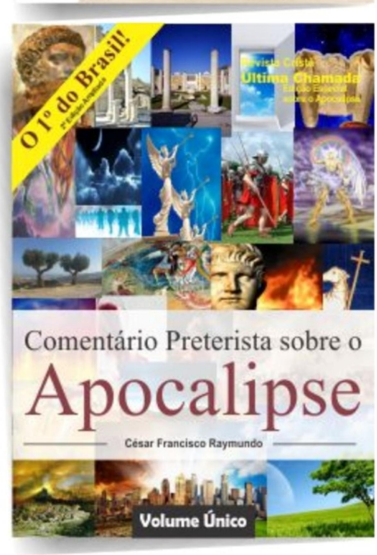
[28] PÓS-MILENISMO, pg. 56. Loraine Boettner. 1ª Edição: 2025 - Versão eletrônica em PDF. Site: https://posmilenismo.com.br/ Acessado dia 09/062025

Obras importantes para pesquisa

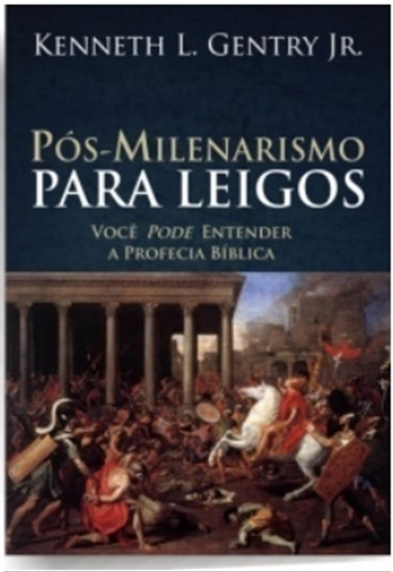
Faça download de nossos outros títulos em

www.revistacrista.org





Revista Cristã
Última Chamada
O livro mais
Amargo
da Bíblia dá suporte a
Esperança
Pós-milenista?
César Francisco Raymundo


KENNETH L. GENTRY JR.
PÓS-MILENARISMO
PARA LEIGOS
VOCÊ PODE ENTENDER
A PROFECIA BÍBLICA

revista cristã
última chamada
Refutando o
Amilenismo
Dispensacionalismo
Pré-milenismo
Clássico
Jay Rogers

César Francisco Raymundo
revista cristã
última chamada
E se Deus
não tivesse nascido
de mulher?